

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Entre a educação formal e não formal:

uma análise sobre leitura e produção de quadrinhos com jovens

Pablo Augusto Antunes Sanches

Orientadora: Dra. Paula Mastroberti

Porto Alegre

2019

PABLO AUGUSTO ANTUNES SANCHES

Entre a educação formal e não formal:

uma análise sobre leitura e produção de quadrinhos na escola

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dra. Paula Mastroberti

Banca examinadora:

Prof. Dr. João Carlos Machado
Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi

Porto Alegre

2019

Dedico este trabalho à minha mãe Nilda.

RESUMO

Esse trabalho constitui em uma análise sobre a produção e leitura de quadrinhos na escola, tendo por base a experiência da educação em artes do ponto de vista do professor com experiência no âmbito da educação não formal. Relato sobre a experiência do estágio de educação artística em um espaço de educação formal. Aliado a esse relato, há a análise, por meio de entrevistas realizadas com alunos de ambos os espaços, dos hábitos de consumo e leitura de quadrinhos e narrativas visuais, bem como a análise, por meio das teorias do sistema dos quadrinhos de Theiry Groensteen e Scott McCloud, dos trabalhos realizados pelos alunos durante o estágio, a partir de um plano de aulas embasado e inspirado por exercícios de Ivan Brunetti, relatado no seu livro com métodos para o ensino de quadrinização.

Palavras-chaves: Histórias em quadrinhos; arte-educação; educação não formal; educação formal.

SUMÁRIO

<u>1. PRIMEIROS TRAÇOS</u>	<u>7</u>
<u>2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA</u>	<u>9</u>
2.1. OBJETIVOS GERAIS.....	10
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
2.3. ETAPAS DA PESQUISA	10
2.4. REFERENCIAIS TEÓRICOS	11
<u>3. O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL</u>	<u>11</u>
<u>4. SOBRE OS QUADRINHOS NA ESCOLA</u>	<u>15</u>
4.1 SOBRE AS ENTREVISTAS	18
4.1.1 <i>COMPARATIVO POR GÊNERO</i>	20
4.1.2 <i>COMPARATIVO POR LEITURA</i>	20
4.1.3 <i>COMPARATIVO POR ACESSO E OUTROS MEIOS</i>	28
4.1.4 <i>CONCLUSÃO SOBRE AS ENTREVISTAS</i>	36
4.2 TRABALHOS DOS ALUNOS DO ESTÁGIO	37
<u>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>52</u>
<u>6. REFERÊNCIAS.....</u>	<u>55</u>

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: SALA DE AULA DA PORTO ARTES.....	13
FIGURA 2 – GRÁFICO DO GÊNERO DOS PARTICIPANTES DA EEEB GOMES CARNEIRO.....	20
FIGURA 3 – GRÁFICO DO GÊNERO DOS PARTICIPANTES DA PORTO ARTES.....	20
FIGURA 4 – GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “VOCÊ LÊ HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?” DA EEEB GOMES CARNEIRO	21
FIGURA 5 - GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “VOCÊ LÊ HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?” DA PORTO ARTES.....	21
FIGURA 6 – GRÁFICO DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO "NÃO, PORQUE..." DA PORTO ARTES.....	23
FIGURA 7 – GRÁFICO DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO "NÃO, PORQUE..." DA PORTO ARTES.....	23
FIGURA 8 – GRÁFICO DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO "ÀS VEZES, PORQUE..." DA EEEB GOMES CARNEIRO.....	24
FIGURA 9 – GRÁFICO DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO "ÀS VEZES, PORQUE..." DA PORTO ARTES.....	24
FIGURA 10 – GRÁFICO DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO “VOCÊ DIFERENCIA HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, TIRINHAS E GIBIS?” DA EEEB GOMES CARNEIRO	27
FIGURA 11 – GRÁFICO DAS RESPOSTAS DA QUESTÃO “VOCÊ DIFERENCIA HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, TIRINHAS E GIBIS?” DA PORTO ARTES	27
FIGURA 12 – GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “COMO VOCÊ OBTÉM SEUS QUADRINHOS?” DA EEEB GOMES CARNEIRO.....	28
FIGURA 13 – GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “COMO VOCÊ OBTÉM SEUS QUADRINHOS?” DA PORTO ARTES	29
FIGURA 14 – GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “NO CASO DE LEITURA DE QUADRINHOS <i>ONLINE</i> , VOCÊ LÊ...?” DA EEEB GOMES CARNEIRO	29
FIGURA 15 – GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “NO CASO DE LEITURA DE QUADRINHOS <i>ONLINE</i> , VOCÊ LÊ...?” DA PORTO ARTES	30
FIGURA 16 – GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “ACOMPANHA ALGUMA OUTRA MÍDIA RELACIONADA AOS QUADRINHOS?” DA EEEB GOMES CARNEIRO	31
FIGURA 17 – GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “ACOMPANHA ALGUMA OUTRA MÍDIA RELACIONADA AOS QUADRINHOS?” DA PORTO ARTES	31
FIGURA 18 – GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “PARTICIPA DE EVENTOS E FEIRAS RELACIONADAS A QUADRINHOS, ANIMES E AFINS?” DA EEEB GOMES CARNEIRO	32
FIGURA 19 - GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “PARTICIPA DE EVENTOS E FEIRAS RELACIONADAS A QUADRINHOS, ANIMES E AFINS?” DA PORTO ARTES.....	32
FIGURA 20 - GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “NA ESCOLA JÁ REALIZOU ALGUMA ATIVIDADE OU TRABALHO QUE ENVOLVEU A LEITURA E/OU PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?” DA EEEB GOMES CARNEIRO.....	33
FIGURA 21 - GRÁFICO RESPONDENDO A QUESTÃO “NA ESCOLA JÁ REALIZOU ALGUMA ATIVIDADE OU TRABALHO QUE ENVOLVEU A LEITURA E/OU PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS?” DA PORTO ARTES	33
FIGURA 22 - <i>PASSEATA DE TRABALHADORES</i> , 1926, DE TINA MODOTTI.	39
FIGURA 23 - TEXTO: <i>O VILLA MIX</i> , DE VIVIAN PERES.	40
FIGURA 24: <i>3 DE MAIO DE 1808 EM MADRID</i> , 1814, DE FRANCISCO DE GOYA.....	41
FIGURA 25: <i>CANTO DO RIO</i> , 1926, DE GEORGINA DE ALBUQUERQUE.....	43
FIGURA 26: TIRINHA <i>EU AMO DESENHAR</i>	46
FIGURA 27: TIRINHA <i>DESENHAR</i>	47
FIGURA 28: TIRINHA <i>ASSIM COMO EU</i>	48
FIGURA 29: TIRINHA <i>"SOBRE VIAJAR.. "</i>	48
FIGURA 30: TIRINHA <i>VIAJAR & MÚSICA</i>	49
FIGURA 31: TIRINHA <i>MÚSICA</i>	50
FIGURA 32: TIRINHA <i>MÚSICA & INSTRUMENTOS</i>	51

1. Primeiros traços

Encher os cadernos de desenhos que imaginava ver nos padrões do tapete da casa, criando balões de fala e pequenas histórias. Os pequenos seres de grafite ganhavam vida nas páginas cheias de anotações. Essa é uma das lembranças mais antigas que tenho sobre os meus desenhos. Apesar de ser algo que fazia com certa frequência, na infância nunca foi algo ao que dedicava tempo e estudo, mas certamente detinha minha atenção nas artes das revistas de videogame e RPG¹ que meu irmão guardava no armário. Todos aqueles artistas, cores e *designs*, ficaram, sem dúvida, marcados como influências visuais que só fui descobrir anos depois.

Durante os anos escolares, não houve preocupação por minha parte em desenvolver qualquer tipo de técnica ou conhecimento relacionado ao desenho ou à arte, a não ser no ensino básico da escola. Só tive interesse aprofundado no assunto no último ano do ensino médio e com atenção redobrada nos anos seguintes ao colégio, graças ao projeto de um conhecido que me pediu para produzir ilustrações para o livro de RPG que ele estava desenvolvendo. Foi uma lista de 40 ilustrações recheadas de monstros, de cenários, de armas, de objetos mágicos que me levou à procura de instrução mais apropriada. Iniciei uma jornada para aprofundar os meus conhecimentos e técnicas em arte, primeiro por meio de livros e revistas, depois procurando um professor e uma escola.

Ao final da adolescência encarei esse grande desafio — o de fazer um livro ilustrado sem saber ao certo como fazer. Para o bem ou para o mal, o livro nunca foi feito, a lista de ilustrações ficou em número muito reduzido, porém a semente foi plantada ali, para procurar cada vez mais sobre ilustração, desenho, pintura. Após uns dois anos de estudos por conta própria, procurei uma escola de desenho. Foi nesse espaço fora da estrutura convencional de ensino que conheci um senhor, simples, calvo, de óculos, muito simpático, sem formação acadêmica, mas com a prática e a experiência de uma vida dedicada à ilustração publicitária. Dividindo as aulas com colegas de diversas idades,

¹ Role-playing game, também conhecido como RPG, é um tipo de jogo em que os jogadores assumem papéis de personagens e criam narrativas colaborativamente.

profissões e origens, tive maior contato com o mundo artístico por outros que também apreciavam e produziam, e assim as discussões e conversas sobre esse ou aquele artista, essa ou aquela exposição, esse ou aquele trabalho, se tornaram mais recorrentes. Acredito que esse foi um dos primeiros marcos que tive em relação à arte. Os passos seguintes foram falhar em quatro vestibulares para Arquitetura e Urbanismo e Engenharia Civil, pois a minha primeira intenção era seguir um ramo profissional relacionado à formação técnica de meu pai. Ele tornou-se técnico de edificação nos anos 1970, e mesmo exercendo a profissão apenas por alguns anos, manteve uma paixão pela área guardando todos os livros, materiais e revistas de arquitetura, as quais também cresci lendo — influenciando, assim, no que faço hoje. Por fim, entre uma e outra falha em entrar no curso superior da Universidade Federal, resolvi estudar por conta própria as questões relativas à arquitetura e ao desenho técnico, o que me levou ao curso tecnólogo de Design de Interiores.

O primeiro contato com um ensino mais teórico, histórico e técnico de arte, arquitetura e *design* foi fascinante, principalmente por permitir expandir minha visão sobre o que estava praticando na escola de desenho. Foi uma maneira de aliar uma prática constante com uma teoria e conhecimento histórico mais aprofundado. E foi em uma semana acadêmica do curso que realizei a primeira e modesta exposição dos meus trabalhos, inquieto por apresentá-los para um público que não era de familiares ou colegas mais próximos. O retorno que obtive daqueles que observaram os trabalhos foi ótimo, principalmente dos colegas que considerava como ótimos desenhistas e artistas. Essa avaliação de outros profissionais do mesmo meio é muito fortalecedora, de extrema importância no início. Seguido à exposição, comecei a atuar como monitor de desenho técnico, tanto durante às aulas quanto nos turnos livres, auxiliando colegas por conta própria. De certo modo, encaro essa experiência como o primeiro contato real com a docência, pois muitos colegas estavam iniciando seus estudos com o desenho e nunca tinham tocado em lápis e réguas, muito menos praticado perspectiva e projeções.

Essa primeira experiência com a monitoria seguiu até a formação final do curso. A partir de então, passei a dar aulas particulares para outros colegas que ainda estavam em formação, tendo bom retorno. Fechando um ciclo e iniciando outro, voltei ao curso onde iniciei os estudos de desenho e fui

convidado pelo meu antigo professor para dar aulas junto com ele. Com vinte-e-dois anos iniciei com as aulas de desenho na Porto Artes², as quais continuo até o momento. Esse novo ciclo de docência no qual ingressei se tornou novamente um tempo para aprofundamento de estudos, de maneira informal e novamente por conta própria, principalmente o que se relacionava às histórias em quadrinhos e *graphic novels*. Então, almejando um aprofundamento maior no assunto qual estava me fascinando, busquei mais uma vez a formação universitária, porém de maneira mais despretensiosa. Assim cheguei ao Instituto de Artes da UFRGS, procurando aprofundar estudos nas áreas de quadrinhos e desenho, bem como na área pedagógica, com uma ideia de tentar compreender o que eu já vinha fazendo, diariamente, por quatro anos.

Essa é a minha história de como cheguei no curso superior de artes. Relembrando e revisando a minha própria história, entendo o motivo desse trabalho de conclusão e como ele está tão entrelaçado com o meu percurso e minha profissão. O ir-e-vir de instituição formal para não formal, a pesquisa por conta própria e a necessidade de orientação para prosseguir, a prática e a teoria, o aluno e o professor. Todas essas "dualidades" me fazem procurar paralelos, desencontros e cruzamentos entre elas. De alguma forma isso parecer ser expresso pelo meu apreço por histórias em quadrinhos, esse tipo de trabalho que não se encaixa somente em uma classificação, mas oscila entre objeto visual e a obra literária, entre produto único e produto massificado, entre a história séria e a gargalhada de uma piada.

2. Justificativa e objetivos da pesquisa

O motivo pelo qual desenvolvo essa pesquisa é justamente a experiência vivida como aluno e professor, e a observação da vivência diária como professor num espaço não formal que possui majoritariamente um público com formação em instituições formais. Procuro compreender a minha formação como professor entendendo que, de alguma forma, esse público é o que me guia nesse projeto.

² A escola onde trabalho está em atividade a 17 anos, no bairro Cristo Redentor em Porto Alegre.

Assim, o ponto principal desta pesquisa é a análise sobre a produção e leitura de histórias em quadrinhos na escola a partir da minha vivência com o espaço não formal de educação. Aliado a isso, há apontamentos sobre uma pesquisa realizada com os alunos da Escola Estadual de Educação Básica Gomes Carneiro e do curso de desenho da Porto Artes.

2.1. Objetivos Gerais

Como referido acima, o objetivo principal desta pesquisa é a análise teórica e prática da experiência das aulas realizadas durante o estágio, aliada a um questionário com os alunos de ambos os espaços que atuei durante esse período, realizado com o intuito de ter um espectro sobre do interesse dos alunos sobre o tema do projeto e das aulas, que se basearam na realização de quadrinhos.

2.2. Objetivos específicos

- 1) Analisar qual o referencial visual e cultural que os alunos possuem sobre histórias em quadrinhos;
- 2) Analisar, por meio de um plano de ensino, as peculiaridades que surgem com a prática educativa dos quadrinhos em espaços formais.

2.3. Etapas da pesquisa

Para obter as metas traçadas pelos objetivos da pesquisa, a abordagem que utilizo para a realização deste projeto consiste em 4 passos:

- I. Uma pesquisa com alunos do estágio por meio de um questionário, no qual procurei obter informações a respeito da visão deles sobre o assunto. Ele foi aplicado tanto aos os alunos

que compõem a turma da escola na qual fiz o estágio obrigatório, quanto aos os alunos voluntários da Porto Artes.

- II. Análise das entrevistas e trabalhos feitos pelos estudantes após a realização das aulas.
- III. Tecer considerações procurando responder às perguntas que guiaram inicialmente esta pesquisa.

2.4. Referenciais teóricos

As principais referências teóricas que fundamentaram o projeto foram baseadas nos trabalhos de Thierry Groensteen, Scott McCloud e Ivan Brunetti sobre a teoria dos quadrinhos – necessários para o desenvolvimento de atividades do plano de aula e ferramenta avaliativa dos trabalhos que foram realizados. Também necessário às aulas que foram planejadas foram as experiências relatadas por diversos educadores no livro *Histórias em quadrinhos e Práticas Educativas, volume II*, organizado por Elydio do Santos Neto e Marta Regina Paulo da Silva.

Sem dúvida é imprescindível utilizar os trabalhos de conclusão realizados por colegas de graduação que também discutem o tema relativo às HQ's e narrativas visuais, como Giordana Dal Castel³ e Anna Carolina Jonko⁴.

3. O espaço da educação não formal

Uso o termo não formal para referenciar o espaço onde trabalho pela suas características de funcionamento, como exposto por Garcia e Libâneo, pesquisadores que ainda desenvolvem o conceito de educação não formal, segundo os quais:

³ Trabalho disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157051>

⁴ Trabalho disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/114646>

[O conceito] Diz respeito às instituições, associações, organizações e fundações que trabalham com a educação como mediadora nos processos de construção do conhecimento, independente do público, objetivo, conteúdo, durabilidade, espaço e lugar em que se desenvolve a proposta” (GARCIA, 2015, p. 64 apud JUSTINO, JOLY, p. 109, 2017)

[São] aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas” (LIBÂNEO, 2010, p. 89 apud JUSTINO, JOLY, p. 110, 2017)

Sendo assim, é nesse tipo instituição onde começo a estruturar as bases para a minha prática docente. Exponho um pouco de como desenvolvo as aulas dentro da Porto Artes e como, a partir disso, me preparei para desenvolver as aulas no estágio docente, dentro da escola formal.

Com certeza a experiência de sete anos ministrando aulas de desenho na Porto Artes me garantiram certa tranquilidade ao iniciar as aulas do estágio na escola pública. Como lido diariamente com crianças e adolescentes no curso, isso me tranquilizou ao trabalhar com os jovens na escola formal. E os alunos, aqueles que tive durante o estágio e aqueles que tenho no curso, são basicamente do mesmo perfil. Assim eles apresentam desejos, problemas, gostos bem semelhantes, assim como dificuldades e desafios semelhantes para mim, como professor. É comum ter alunos que não se sentem seguros com as suas práticas artísticas, que dizem ter dificuldades de concretizar e pôr no papel suas ideias, ou mesmo aqueles que querem aprender por curiosidade e não se sentem à vontade com o aprendizado somente por meio de livros e tutoriais, procurando um local onde possam ter tutoria e presença de um professor.



Figura 1: Sala de aula da Porto Artes.

Eu diria que as principais diferenças estão nas condições que proporcionam as sequências das aulas. Na rotina do trabalho, os horários das aulas são mais restritos e fixos, dificilmente ocorrendo uma mudança em horários de turmas, pois são poucos professores envolvidos nos cursos ofertados. Enquanto que durante o período de estágio ocorreram 3 mudanças de horários, ocorrendo desencontro com as turmas, e eventualmente uma turma toda teve somente metade das aulas, pois os horários antes estabelecidos não se encaixavam mais. Ocorreu também a paralisação da escola devido à greve de professores, interrompendo as aulas por 3 semanas consecutivas. Situações como estas são raras de ocorrer com as aulas da Porto Artes. O espaço, a quantidade de alunos, o tempo de aula, os materiais utilizados, o material de apoio e o interesse dos alunos são características que diferenciam a experiência docente entre esses espaços de ensino.

O processo básico das aulas que ocorrem na Porto Artes é muito centrado na prática, tanto do desenho quanto da pintura. Todos os professores possuem uma grande liberdade para conduzir as aulas com as abordagens dos assuntos estudados, portanto não seguimos uma cartilha. Também procuramos estar atentos ao tempo em que cada aluno vai se deter em cada eixo do

currículo, sem apressar os estudos ou extendê-los demais, de acordo com a condição de aprendizagem de cada estudante. Bem como cada um de nós, professores, procura observar e sentir o desenvolvimento que cada um dos alunos tem perante as atividades que eles praticam, temos que lidar com muitas variantes em cada aula. Pois em uma mesma turma pode haver alunos com muita experiência e prática e outros que muito iniciantes, e cada um deles pode estar trabalhando com algum assunto ou proposta diferente. Então como guias, temos que direcionar e ajudar cada aluno individualmente, com suas demandas específicas.

Assim os métodos que utilizamos podem variar de aluno para aluno ou de atividade para atividade. Quando necessário, utilizamos métodos de cópia, estudos aprofundados em anatomia, desenho e pintura de observação, criação de personagens e *character design*, criação de roteiro, estudo de cores, experimentação com materiais diversos, vídeos e tutoriais, utilização de programas digitais, etc., tudo dependendo do desenvolvimento individual dos alunos. Quando temos alunos pequenos, que ainda estão desenvolvendo sua motricidade fina ou o seu processo gráfico-plástico, geralmente utilizamos abordagens mais lúdicas com jogos, desafios ou brincadeiras. Pessoalmente, experimentei várias atividades que realizei durante a graduação, principalmente exercícios de desenho e pintura, mas também de processos de criação, adaptando quando necessário. Conhecimentos ligados à história da arte também complementaram as minhas aulas. Ao longo da graduação, também utilizei métodos do curso para atividades na faculdade, como outro modo de experimentação pessoal.

Isso inclui o caso de atender alunos que procuram achar alguma profissão relacionada com a arte, outros que procuram estudar por *hobby* ou ainda como uma terapia. Assim como na escola formal também atendemos alunos que portam algum tipo de deficiência ou possuem necessidades especiais, dividindo o espaço das aulas com outros. Estes alunos demandam uma nova abordagem a cada aula, isto é, outro tempo e outro tipo de atenção que a que nós, professores, devemos nos acostumar e planejar. Logo, não me surpreendi quando em uma das turmas do estágio, soube que uma das alunas tinha autismo. O tempo que dispomos para esses alunos e o espaço

diferenciado de uma sala de aula do colégio geralmente faz com que eles se sintam à vontade e desenvolvam seus trabalhos de maneira descontraída, sem pressão. Mas ainda assim, exige-se uma compreensão e uma observação atenta de nossa parte.

Como explanado, tenho uma abrangência muito ampla de alunos, no que diz respeito tanto a seus conhecimentos sobre quadrinhos e arte, quanto às suas expectativas, faixa etária, ou situação sócio-econômica. Todos esses fatores emergem numa mesma turma, de maneira bem evidente, pois são turmas pequenas e a troca de experiências é grande. Então, apesar de não traçar uma metodologia clara e aplicada de maneira regular com todos os alunos, são essas práticas que geraram a motivação para as aulas realizadas no estágio docente. Evidentemente as circunstâncias de ambos os espaços geram abordagens distintas com os estudantes.

4. Sobre os quadrinhos na escola

Como parte das aulas do estágio obrigatório, realizei alguns exercícios de criação de histórias em quadrinhos com os alunos. Iniciando com a escrita, passando por desenho e por fim criando uma narrativa visual completa, incluindo o roteiro.

O principal balizador para a criação das atividades foi o trabalho do crítico de quadrinhos Thierry Groensteen no livro *O sistema dos quadrinhos*⁵. Nele, o autor destrincha a leitura dos quadrinhos e propõe um sistema organizador para esse tipo de linguagem. Um dos principais pontos que ele aborda é a importância da disposição visual dos elementos que configuram uma história em quadrinhos, sendo um dos elementos mais básicos a sequência de ícones dentro de um espaço intericônico. Isso é, nas suas próprias palavras: “Imagens imóveis aparadas pelo vazio” (2015, p.110).

⁵ Groensteen, Thierry. Trad. Érico Assis. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

Assim, as atividades surgiram como exercícios que trabalham o potencial narrativo de imagens e a conexão entre instantes da leitura desses ícones. Como o principal constituinte das histórias em quadrinhos é a associação entre imagem e palavra, combinadas de modo a criar uma narrativa consistente, acredito que seja um ponto essencial para exercitar a criação de histórias. Bem como Töpffer⁶ escreveu sobre seu trabalho mais famoso:

Este pequeno livro, *Histoire de M. Jabot*, é de natureza mista. Compõe-se de uma série de desenhos impressos manualmente por autografia. Cada um desses desenhos é acompanhado de uma ou duas linhas de texto. Os desenhos, sem esse texto, não teriam mais que um significado obscuro. O texto, sem os desenhos, não significaria nada. O conjunto forma uma espécie de novela, tão original que não parece uma novela. O autor desse pequeno livro oblongo não se dá a conhecer. Se é um artista, desenha debilmente, mas possui certa prática na escrita; se é um literato, escreve mediocrementemente, mas em compensação tem o talento de um desenhista amador. (TÖPFFER, apud. CAMPOS, 2015, p. 90)

Com tom característico do autor, esse pequeno trecho revela uma irreverência e um humor que acompanha todo o surgimento das histórias em quadrinhos moderno e mostra o quão importante é a relação entre imagem e texto nesse tipo de narrativa. Portanto, procurei trabalhar entre dois eixos para a criação das narrativas dos estudantes: da imagem para o texto e do texto para a imagem. E foi por essa lógica entre a relação da linguagem e da representação icônica que decidi desenvolver as atividades com as narrativas dos alunos da Escola Gomes Carneiro.

Ainda durante as observações que realizei das turmas nas quais atuei como estagiário, conversei com os alunos e apliquei um questionário – que será analisado mais adiante – com o qual procurei compreender a relação dos alunos com o universo dos quadrinhos. Em todas as turmas observei alunos que se interessam por atividades diversas das artes, como teatro, música e dança, bem como o consumo de séries, filmes, livros, desenhos animados, videogames e histórias em quadrinhos. Durante as conversas, instiguei os alunos sobre o fato de contar histórias e narrativas, e obti interesse por parte

⁶ Professor e artista suíço Rodolphe Töpffer (1799-1846), considerado como um dos pioneiros das histórias em quadrinho.

dos mesmos. No entanto, muitos demonstraram certo receio das suas habilidades com desenho, tão logo decidi abranger os métodos de produção de narrativas visuais que não exigissem exclusivamente o uso de desenhos. Como o uso de celulares era comum aos alunos, também pensei na possibilidade de integrar o uso dessa tecnologia nas propostas dos trabalhos.

Assim, decidi trabalhar com os alunos a narrativa visual por meio do sistema de histórias em quadrinhos, por ter prática na produção e ensino. Com as condições proporcionadas pelo estágio e pela experiência anterior das aulas do curso de desenho, procurei utilizar os quadrinhos como um meio de expressão dos alunos, focando os estudantes nas relações intrínsecas entre imagem e palavra, e dando menos atenção a técnicas de desenho e construção de *layouts*, por exemplo. Como acabei confirmando por meio das entrevistas, mesmo que aproximadamente metade dos entrevistados leiam histórias em quadrinhos, a maioria dos alunos não possui o hábito de criar histórias próprias, apesar do desejo de produzir.

Mas qual o motivo pelo qual foi relevante o ensino e a produção de narrativas visuais e histórias em quadrinhos? É fato que estes tipos de produtos culturais estão cada vez mais presentes e abundantes na nossa cultura, porém como um produto pronto e “industrializado”, isolado do consumidor. Permitir que os alunos fossem os autores de suas próprias histórias e inquietações estéticas foi um modo de conscientizá-los sobre o processo criativo e prático das mesmas, explorando o potencial poético dessa linguagem. A natureza ambígua das narrativas visuais e histórias em quadrinhos, que advém de um contexto textual e outro visual, torna seu estudo interessante para um aprimoramento interpretativo do texto e da imagem, pois é essencial que eles, como leitores e consumidores, façam as conexões dos signos e textos, instigando a criação dos mesmos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, iniciei por meio de uma entrevista com perguntas sobre o consumo de quadrinhos e livros ilustrados, aplicando tanto na Escola Gomes Carneiro quando no curso de desenho da Porto Artes, portanto nos dois espaços onde atuei, o formal e o não formal.

4.1 Sobre as entrevistas

Para as entrevistas que analisarei a seguir, utilizei como base a pesquisa de iniciação científica⁷ coordenada pela professora – e orientadora deste trabalho – Paula Mastroberti e aplicada pelos bolsistas Matheus Huve, Carolina Viana da Silva e Luiza Copetti, que foi realizada em escolas das redes públicas e particulares de Porto Alegre, no ano de 2018.

O questionário tem 7 perguntas relativas ao consumo de histórias em quadrinhos, possuindo questões de múltiplas escolhas e questões dissertativas. São essas:

- 1) *Você lê histórias em quadrinhos?*
- 2) *Não, porque... (pode escolher mais de uma)*
- 3) *Às vezes, porque... (pode escolher mais de uma)*
- 4) *Gosto principalmente de... (cite seus quadrinhos preferidos)*
- 5) *Como você obtém seus quadrinhos? (Pode escolher mais de uma)*
- 6) *No caso de leitura de quadrinhos online, você lê... (pode escolher mais de uma)*
- 7) *Você também gosta de criar seus próprios quadrinhos? Se a resposta for sim, conte-nos um pouco sobre os personagens e histórias que gosta de criar.*

Todas as perguntas seguidas de “pode escolher mais de uma” se referem as opções de respostas múltiplas. Antecedendo estas 7, questões uma pergunta identifica série, idade e escola do entrevistado e outra ,o gênero.

Tive o interesse de acrescentar mais algumas questões pois em conversas durante as aulas com os meus alunos da Porto Artes sobre histórias em quadrinhos surgiram curiosidades em relação ao entendimento deles sobre o assunto. Como por exemplo quando perguntei para eles se em algum momento eles retiravam algum título de quadrinhos na biblioteca da escola e dois alunos me responderam que só tinha gibi na biblioteca, mas nada de

⁷ Pesquisa ainda em andamento pela professora

histórias em quadrinhos. Ou mesmo quando pergunto qual o motivo deles procurarem um curso de desenho. Sendo assim adicionei às perguntas anteriores mais 7 questões:

- 1) *Dentre esses, qual seu gênero favorito?*
- 2) *Você diferencia histórias em quadrinhos, tirinhas e gibis? Por quê?*
- 3) *No caso de obter na biblioteca da escola, quais são os quadrinhos disponíveis?*
- 4) *Acompanha alguma outra mídia relacionada aos quadrinhos?*
- 5) *Participa de eventos e feiras relacionadas a quadrinhos, animes e afins?*
- 6) *Na escola já realizou alguma atividade ou trabalho que envolveu a leitura e/ou produção de histórias em quadrinhos?*
- 7) *Caso você já tenha feito, esteja fazendo ou deseje fazer algum curso específico para criar quadrinhos, qual motivo do interesse?*

Com essas 14 questões abrangendo um escopo maior de respostas, apliquei o questionário impresso para uma turma do 9º ano do ensino fundamental, duas turmas 1º ano e duas turmas de 2º ano do ensino médio na EEEB Gomes Carneiro. Obtive ao todo 122 entrevistados. Também apliquei o mesmo questionário com cinco turmas da Porto Artes com os alunos em idade escolar – os mais novos tendo 11 anos no 6º ano do ensino fundamental até os mais velhos com 17, no 2º ano do ensino médio – totalizando 26 entrevistas. No total foram realizadas 148 entrevistas, com jovens de 11 à 22 anos, do 6º ano do ensino fundamental até o 2º ano do ensino médio.

Após a coleta dos questionários, transcrevi as respostas utilizando as ferramentas do Google Forms, armazenando cada entrevista em uma tabela e gerando formulários distintos para os alunos da Escola Gomes Carneiro e para os alunos dos cursos da Porto Artes, obtendo os gráficos a seguir:

4.1.1 Comparativo por gênero

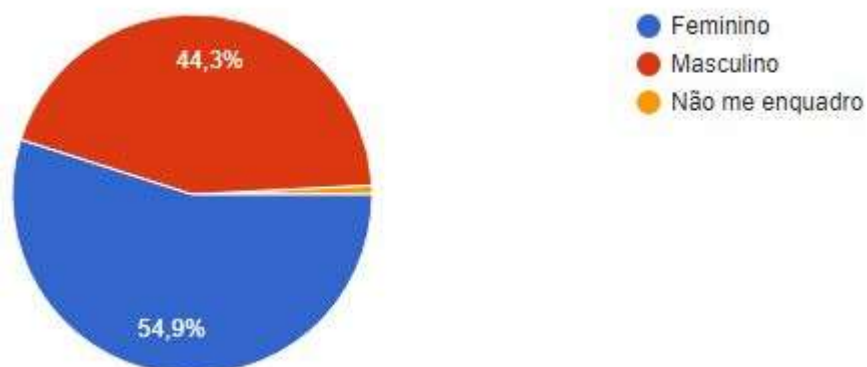


Figura 2 – Gráfico do gênero dos participantes da EEBB Gomes Carneiro

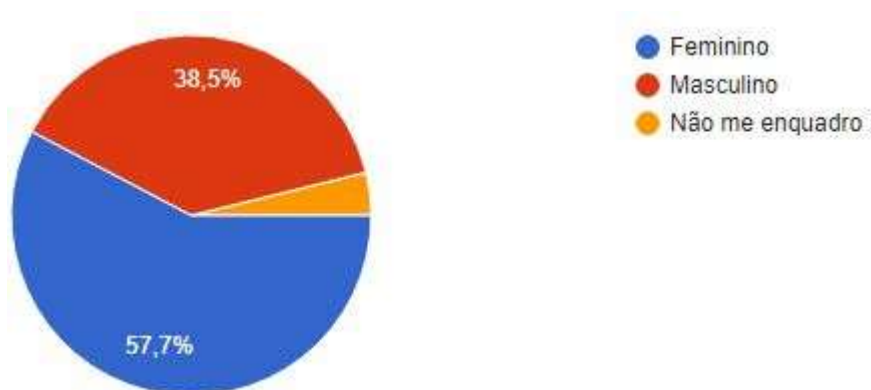


Figura 3 – Gráfico do gênero dos participantes da Porto Artes

A proporção entre gênero se mostrou bem semelhante nas duas instituições estudadas. Maioria feminina, com mais de 50% dos entrevistados. Mais precisamente, 67 do gênero feminino, 54 do gênero masculino e um que não se enquadra em nenhum gênero na instituição formal. Já na instituição não formal foram 15 do gênero feminino, 10 do gênero masculino e um que não se enquadra.

4.1.2 Comparativo por leitura



Figura 4 – Gráfico respondendo a questão “Você lê histórias em quadrinhos?” da EEEB Gomes Carneiro



Figura 5 - Gráfico respondendo a questão “Você lê histórias em quadrinhos?” da Porto Artes

Referente aos hábitos de leitura dos estudantes existe uma significativa diferença entre aqueles que assumem a leitura de quadrinhos na escola e no curso de desenho. O percentual de leitores regulares é aproximadamente o dobro entre os estudantes da instituição não formal. Mas o interessante é que em ambos os espaços mais da metade dos alunos mantém algum hábito de leitura mesmo que não sejam leitor assíduos. E contrário ao que se esperava, cerca de $\frac{1}{4}$ dos alunos dos cursos de desenho da instituição não formal não leem histórias em quadrinhos. Os números mais precisamente são: de 10 leitores assíduos, 10 leitores eventuais e seis não-leitores na Porto Artes; enquanto na escola Gomes Carneiro são 25 leitores assíduos, 42 leitores eventuais e 55 não-leitores.

Cruzando os dados desses dois primeiros gráficos obtém-se os seguintes números:

Tabela 1- Comparação de leitura por gênero da EEEB Gomes Carneiro

EEEBGC	Feminino	Masculino	Não se enquadra	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Total
Sim	12	13	-	4	21	25
Não	32	23	1	13	42	55
Às vezes	23	19	-	12	30	42

Tabela 2 - Comparação de leitura por gênero da Porto Artes

Porto Artes	Feminino	Masculino	Não se enquadra	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Total
Sim	7	3	-	3	7	10
Não	3	2	1	5	1	6
Às vezes	5	5	-	7	3	10

Portanto o maior número de leitores, assíduos e eventuais, de quadrinhos estão no ensino médio e estão relativamente divididos igualmente entre os gêneros masculinos e femininos. No entanto, a rejeição aos quadrinhos é maior entre as meninas e estudantes do ensino médio, principalmente na EEEB. As justificativas para as opções de “Não” e “Às vezes” foram respondidas na segunda e na terceira perguntas – ambas de múltiplas escolhas. Logo se observa neste gráfico as respostas da pergunta:

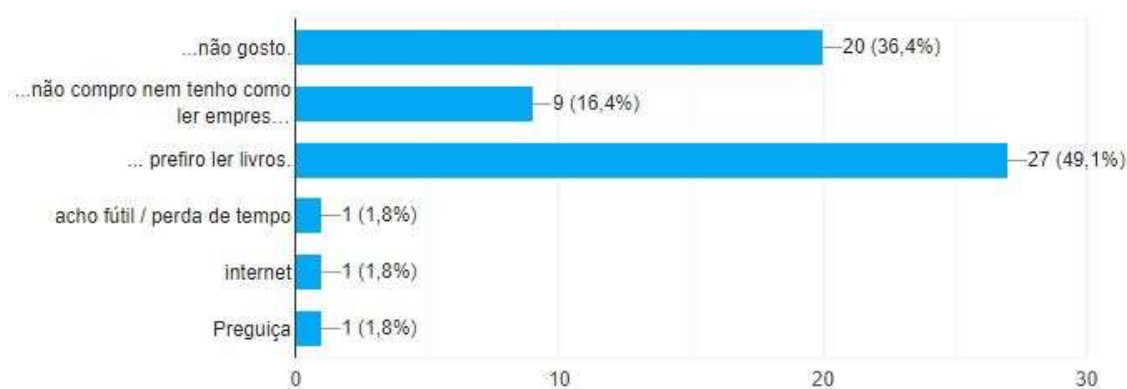


Figura 6 – Gráfico das respostas da questão "Não, porque..." da Porto Artes

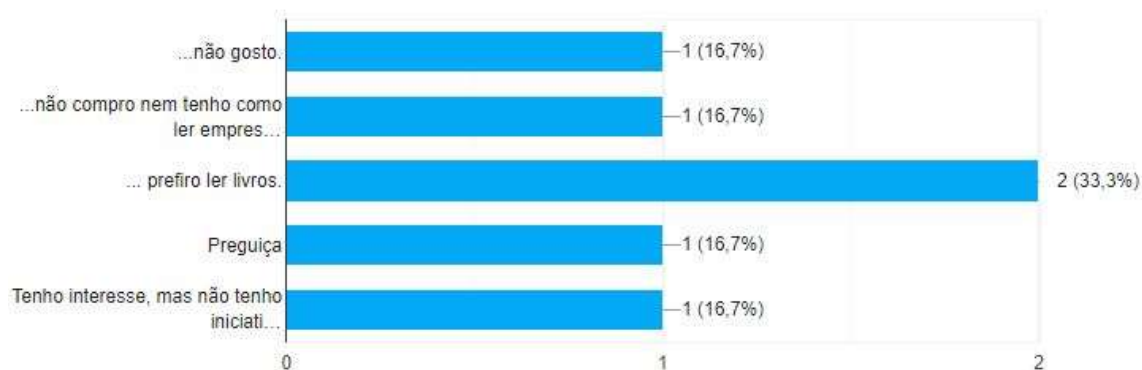


Figura 7 – Gráfico das respostas da questão "Não, porque..." da Porto Artes

A justificativa daqueles que responderam a questão é igual em ambos os casos, a maioria prefere a leitura de livros. Também em ambas instituições a maior parte daqueles que responderam que preferem a leitura de livros foi do gênero feminino, enquanto o simples “não gosto” foi de maioria masculina. Entre respostas curiosas, dois alunos dizem ter “preguiça” e outro que apesar do interesse pela leitura, não possui “iniciativa”. Ainda relacionado aos hábitos de leitura dos estudantes, há a respostas da questão 3, na qual justificam aqueles que responderam que leem às vezes. E novamente os resultados, apesar dos números absolutos serem diferentes pela quantidade, – quatro vezes maior na escola formal do que na não formal – ainda mostram uma tendência semelhante, expressa no percentual das entrevistas. Em ambos os casos, os alunos se sentem mais inclinados à leitura de quadrinhos conforme o gosto pela narrativa. Não fica claro se esse gosto é explicitamente dependente da narrativa, ou se é por ser algum título famoso ou que esteja na moda. Na

sequência, as outras duas respostas mais comuns foram a falta de acesso, por não conseguir comprar ou adquirir os títulos, e o tempo de leitura dividido com leituras de livros.

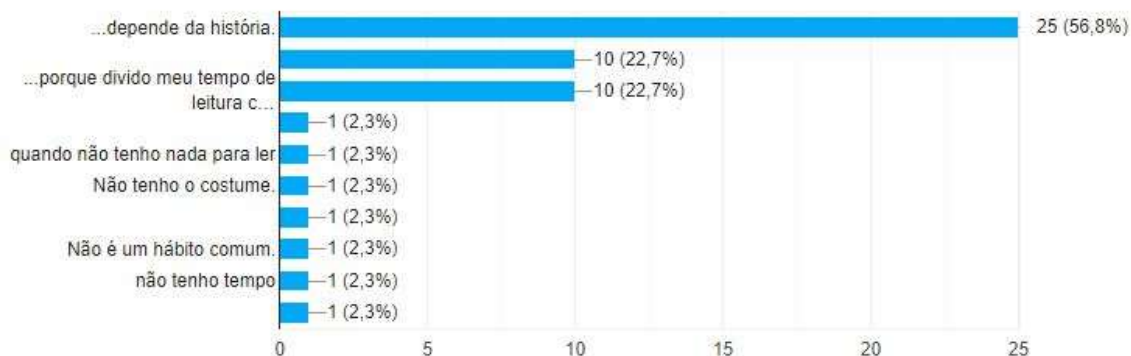


Figura 8 – Gráfico das respostas da questão "Às vezes, porque..." da EEEB Gomes Carneiro

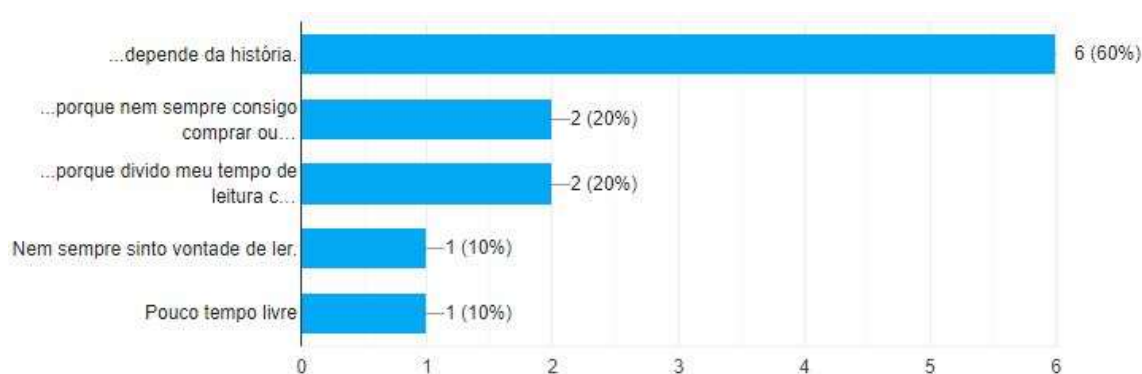


Figura 9 – Gráfico das respostas da questão "Às vezes, porque..." da Porto Artes

Fazendo um levantamento qualitativo obtido nas respostas da questão “Gosto principalmente de... (cite seus quadrinhos preferidos)”, somando às respostas daqueles que são leitores assíduos e eventuais, ocorre a citação em pelo menos 28 respostas o termo “mangá” ou alguma publicação específica de mangá. Entre os títulos citados estão publicações principalmente de *shonens*⁸ e *shoujos*⁹, além da *Turma da Mônica Jovem*, que é uma aproximação ao estilo japonês dos tradicionais quadrinhos da *Turma da Mônica*. Em 17 respostas estão os termos *Turma da Mônica* e *Turma da Mônica Jovem*, demonstrando que em muitos casos, mesmo sendo uma publicação de longa data no Brasil,

⁸ Shounen é o termo utilizado para caracterizar narrativas voltadas para público juvenil masculino.

⁹ Shoujo é o termo utilizado para caracterizar narrativas voltadas para o público juvenil feminino.

ainda é um primeiro ponto de contato entre os jovens leitores de quadrinhos e o mundo das publicações em quadrinhos. Em outras 27 respostas à citação do termo “super-herói”, “herói”, “Marvel” e “DC”, seguido também por títulos específicos de heróis, como “*Homem-Aranha*” ou “*Hulk*”. Portanto, para os alunos da EEEB Gomes Carneiro, as principais publicações dos leitores de quadrinhos são os mangás, de diversos gêneros, seguidos pelas publicações de super-heróis e enfim os títulos nacionais, como *Turma da Mônica*.

Nas respostas obtidas dos alunos da Porto Artes, 14 das 20 entrevistas que responderam “Sim” e “Às vezes” para a leitura de quadrinhos, incluem o termo “mangá” ou algum título relacionado, como “*Dragon Ball*” e “*Kimetsu no Yaiba*”. Novamente os principais títulos citados são mangás *shonen* e *shoujo*. Somente seis respostas incluem o termo “super-herói” ou o título de alguma publicação relacionada. Novamente as publicações associadas às marcas “*Marvel*” e “*DC*” são as principais citadas. Somente uma resposta inclui o termo “*Turma da Mônica*”. A tendência na leitura se mantém aqui também, onde os mangás são as principais leituras de quadrinhos seguido pelos títulos de super-heróis.

Seguindo para as respostas dos alunos da EEEB Gomes Carneiro sobre a questão seguinte (“*Dentre esses, qual seu gênero favorito?*”), é interessante fazer o cruzamento de dados entre gênero das histórias em quadrinhos e gênero dos entrevistados. Assim, das 32 respostas entre os de gênero masculino, 16 possuem os termos “ação”, “aventura”, “*shounen*” ou “herói”. Utilização do termo “ficção”, “ficção científica” e “*isekai*”¹⁰ aparece em sete respostas. “Suspense” ocorre em quatro respostas, “romance” e “comédia” possuem duas respostas cada. Logo os títulos dos gêneros envolvendo ação e aventura são os preferidos entre os leitores masculinos, seguido pelo gênero de ficção.

Entre as 34 entrevistas femininas, 17 respostas possuem os termos “romance”, “*shoujo*”, “*yuri*”¹¹ ou “*yaoi*”¹². 14 respostas possuem os termos

¹⁰ *Isekai* é o termo que caracteriza narrativas nas quais ocorrem viagens temporais ou para universos paralelos.

¹¹ *Yuri* é o termo que caracteriza narrativas nas quais o tema principal são relações românticas entre mulheres.

“ação”, “aventura”, “herói” ou “*shounen*”. Sete respostas incluem o termo “comédia”; cinco respostas incluem os termos “ficção” ou “ficção científica”; quatro incluem os termos “terror” ou “*gore*”¹³; três possuem o termo “suspense”. Faço um parênteses em uma resposta em que o aluno tem preferência por *webcomics*. Assim, as preferências femininas são principalmente o gênero de romance seguido pelos gêneros de ação e aventura.

Entre os alunos da Porto Artes, das oito respostas masculinas, cinco incluem os termos “ação” ou “aventura”. Três respostas incluem o termo “comédia”, duas possuem o termo “ficção” e outras duas o termo “terror”. Assim, o gênero de aventura e ação é o preferido entre esses leitores.

Entre as 12 respostas femininas, em cinco encontram-se os termos “ação”, “aventura” ou “*shounen*”. Em três respostas incluem-se os termos “romance” ou “*shoujo*”, o mesmo número de repostas para os termos “terror” ou “*gore*”. “Comédia” só é registrada em duas respostas. Entre as outras respostas há a citação de “*fanfics*” e “independente”. As preferências femininas desses estudantes são mais niveladas, com uma leve predileção às publicações de aventura e ação, seguida de perto pelo gosto ao gênero romântico e terror.

Os gráficos abaixo demonstram as porcentagens das respostas da seguinte pergunta “*Você diferencia histórias em quadrinhos, tirinhas e gibis?*”, acrescentada ao questionário original, com o intuito de compreender se os jovens leitores fazem distinção entre tipos de narrativas visuais perante forma, narrativa, organização, ou *layout*.

¹² *Yaoi* é o termo que caracteriza narrativas nas quais o tema principal são relações românticas entre homens.

¹³ *Gore* é o termo para definir um sub-gênero do terror, centrado na representação visual de violência e sangue

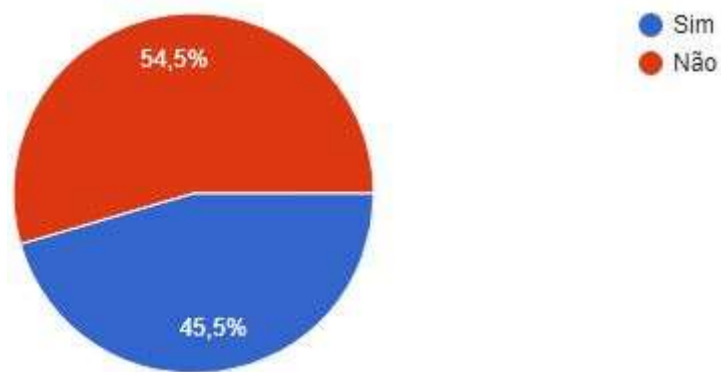


Figura 10 – Gráfico das respostas da questão “Você diferencia histórias em quadrinhos, tirinhas e gibis?” da EEEB Gomes Carneiro

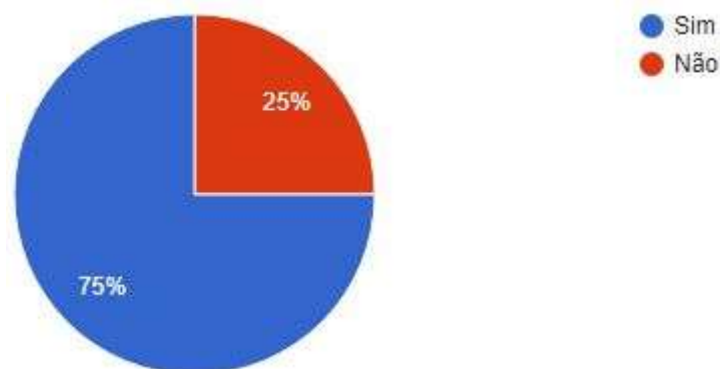


Figura 11 – Gráfico das respostas da questão “Você diferencia histórias em quadrinhos, tirinhas e gibis?” da Porto Artes

Neles é gritante a diferença de opiniões entre os entrevistados das duas instituições estudadas. Na escola pública, a maior parte daqueles que responderam, 66 ao total, 36 **não fazem** distinção e 30 **fazem** distinção. No entanto, no curso particular, entre os entrevistados que responderam à pergunta (20 ao total), 15 deles **fazem** alguma distinção, número muito superior aos 5 que **não fazem** distinção. Em ambos os grupos a opinião sobre a questão repousa muito mais naqueles que disseram que liam quadrinhos dependendo do conteúdo da história (tanto quanto ao visual quanto ao narrativo) e dos leitores regulares de quadrinhos, mais enfáticos na opinião. Aqueles que responderam **não** à questão, cerca de 15 não quiseram ou não souberam explicar o motivo. Diferente daqueles que responderam **sim**, dos quais somente nove não souberam ou não quiseram justificar a resposta. Respostas essas que foram basicamente iguais em ambos os grupos. A justificativa mais comum para a resposta negativa foi que (*sic*) “*Para mim, são*

a mesma coisa”. Para a resposta positiva, as justificativas foram mais variadas, sendo exposto desde a questão visual, o conteúdo narrativo, o formato e a distribuição. Houveram aqueles que consideram que histórias em quadrinhos possuem um desenho mais elaborado, que gibis são infantis, tirinhas são para jornal, que possuem temas diferentes e/ou que são leituras distintas.

Após isso, responderam questões relativas ao acesso a esses produtos e outros meios relacionados ao mundo dos quadrinhos.

4.1.3 Comparativo por acesso e outros meios

As questões nove e dez, já presentes na pesquisa original, eram sobre quais os meios de acesso que os alunos tem para a leitura de quadrinhos e os dispositivos utilizados para tal. A nona pergunta é “Como você obtém seus quadrinhos?” seguida por respostas múltiplas.

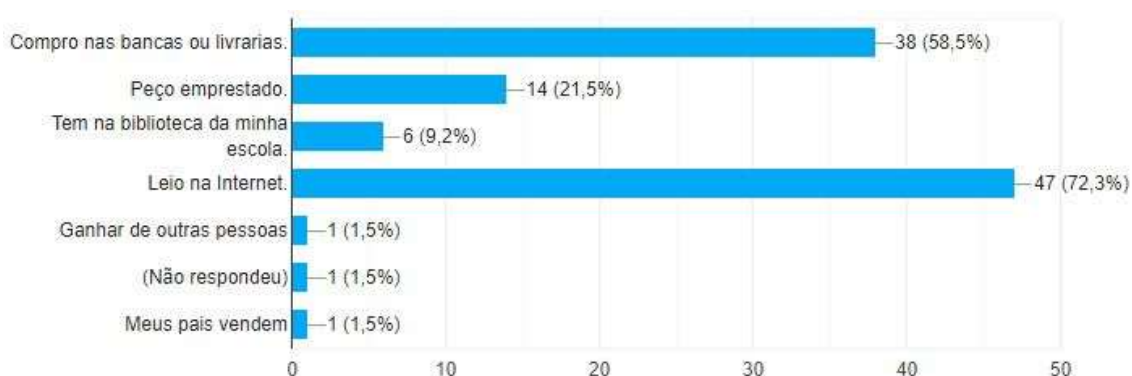


Figura 12 – Gráfico respondendo a questão “Como você obtém seus quadrinhos?” da EEEB Gomes Carneiro

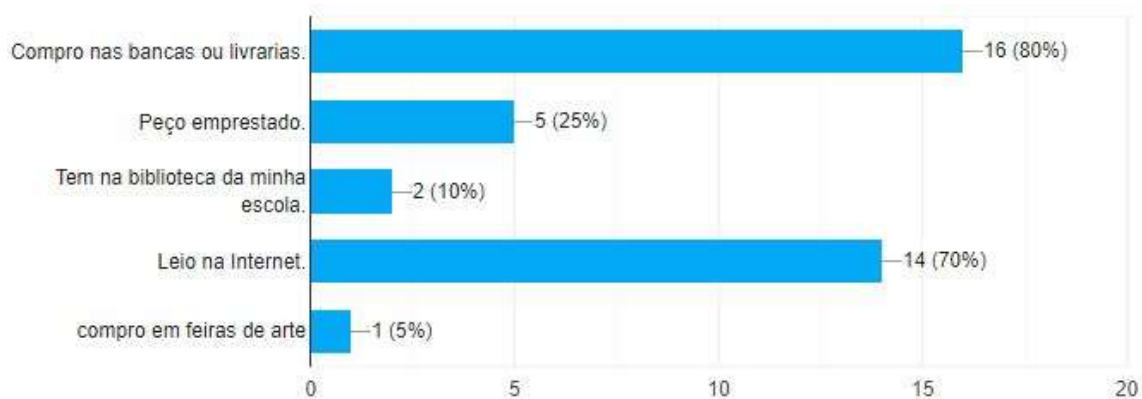


Figura 13 – Gráfico respondendo a questão “Como você obtém seus quadrinhos?” da Porto Artes

Em ambos os espaços de educação, os alunos que responderam à essa questão (85 ao total – 65 da EEEB Gomes Carneiro e 20 da Porto Artes) tem o acesso principalmente por dois meios: por bancas e livrarias, e por *internet*, provavelmente utilizando *sítes* especializados e aplicativos. Achei interessante a resposta de uma estudante da Porto Artes, que adquire suas leituras de quadrinhos em feiras de arte da cidade, comprando e trocando com artistas locais, visto que a mesma participa de feiras também. Creio que aqui a estatística mostra que os alunos do curso preferem adquirir seus quadrinhos de forma física, pois muitos deles colecionam e são aficionados, tendo uma tendência ao colecionismo. Em um percentual bem semelhante, a resposta dos alunos que adquirem por meio de empréstimo nas suas escolas é baixo, resposta que pode ser um pouco mais aprofundada na questão onze, como será visto mais a frente.

A décima questão referia-se aos dispositivos utilizados caso o entrevistado respondesse que fazia a leitura de quadrinhos.

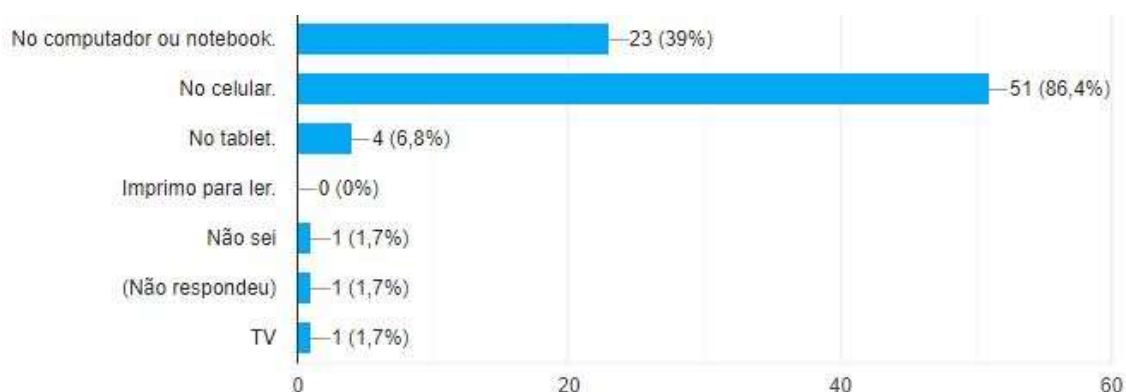


Figura 14 – Gráfico respondendo a questão “No caso de leitura de quadrinhos *online*, você lê...?” da EEEB Gomes Carneiro

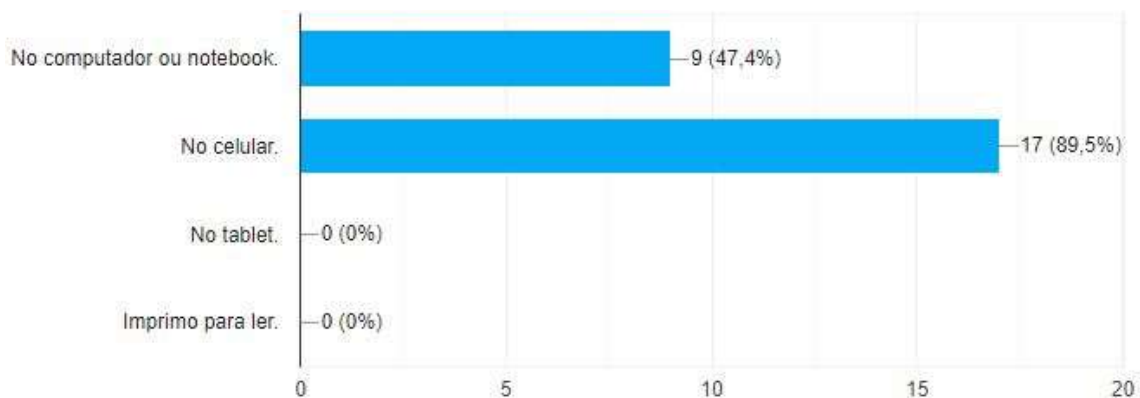


Figura 15 – Gráfico respondendo a questão “No caso de leitura de quadrinhos *online*, você lê...?” da Porto Artes

Outro gráfico que confirma a tendência entre os jovens leitores. Das 78 respostas obtidas (59 da EEEB Gomes Carneiro e 19 da Porto Artes) os resultados são bem semelhantes, com o uso dos dispositivos portáteis liderando nos dois grupos. Esse hábito é confirmado tanto na pesquisa quanto na observação diária com os alunos, que utilizam seus celulares de modo bem intenso. No caso do aluno que respondeu que utiliza a TV, o uso pode ser tanto para a leitura dos quadrinhos, por meio de *smartTV*, acessando através de aplicativos, tanto quanto para assistir aos *animes*.

Na questão seguinte, “*No caso de obter na biblioteca da escola, quais são os quadrinhos disponíveis?*”, ao total obtive 47 respostas com os dois questionários. Das 34 da escola Gomes Carneiro, 21 não sabem que tipo de quadrinhos estão disponíveis na biblioteca. Das 13 da Porto Artes, somente dois não sabem quais os quadrinhos são disponíveis nas escolas que frequentam. A segunda maior citação nas respostas é a identificação de HQs da *Turma da Mônica*, Disney, infantis e gibis, abrangendo 20 respostas, 10 em cada instituição estudada. Outro dado interessante que essa questão sugere é a relação entre aqueles que responderam que não tem a possibilidade de comprar ou de pedir emprestado. Totalizando 22 respostas, somente duas indicam, por meio do questionário, ter procurado algum tipo de título de quadrinhos nas suas escolas, o restante não sabe ou não respondeu a questão.

A questão 12, “*Acompanha alguma outra mídia relacionada aos quadrinhos?*”, foi acrescentada ao questionário original com o intuito de saber se os jovens possuem o hábito de consumo de mídias audiovisuais relacionadas ao mundo dos quadrinhos, como os filmes das franquias de super-heróis originais das HQs ou os desenhos animados japoneses, muitas vezes originados dos mangás. As opções de respostas são de múltipla escolha.

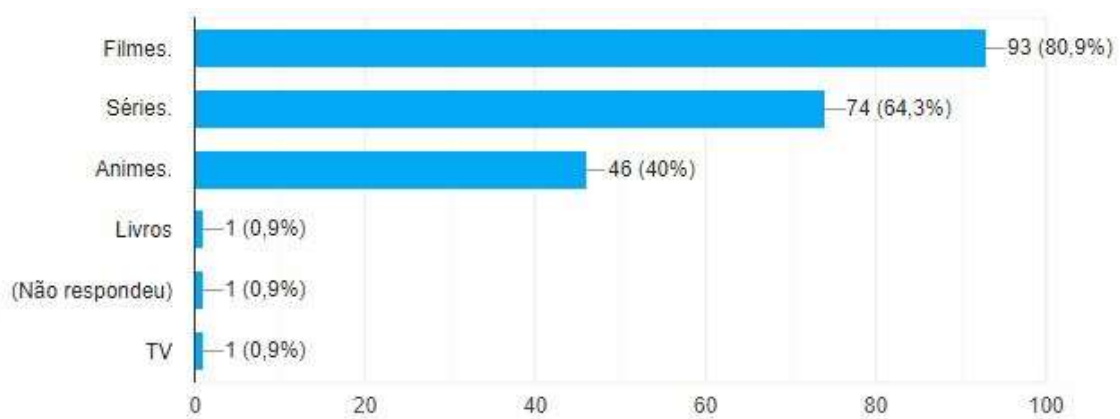


Figura 16 – Gráfico respondendo a questão “Acompanha alguma outra mídia relacionada aos quadrinhos?” da EEEB Gomes Carneiro

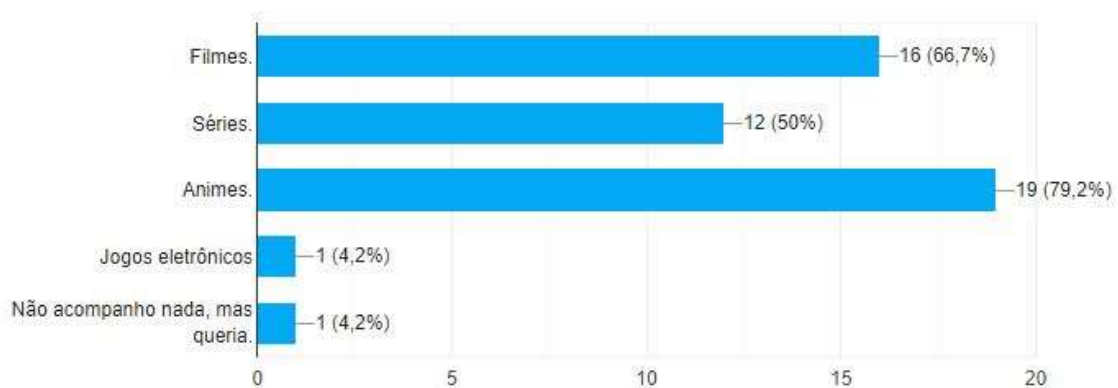


Figura 17 – Gráfico respondendo a questão “Acompanha alguma outra mídia relacionada aos quadrinhos?” da Porto Artes

94% dos entrevistados na escola Gomes Carneiro respondeu essa questão. Desses, 81% (93) acompanham filmes, o dobro daqueles que assistem *animes*. E metade deles afirmam não leem quadrinhos (45). Nas 46 respostas que marcam a opção de *animes*, 86% delas são de entrevistados que são leitores assíduos ou ocasionais de quadrinhos. Os resultados das entrevistas na instituição não formal indicam a preferência dos *animes* pelos leitores de quadrinhos. Neles, das 19 respostas que marcam a opção das animações japonesas, 17 (90%) são de estudantes que afirmam ler quadrinhos com frequência ou às vezes. Esses números podem demonstrar que o público consumidor dos desenhos animados são aqueles jovens que são mais acostumados com a estética das narrativas asiáticas de quadrinhos, fazendo parte de um mercado que possui uma abrangência mais restrita.

Quando a pergunta é sobre a frequência em que os jovens participam de eventos e feiras relacionadas aos quadrinhos e *animes*, visto que a capital gaúcha e as cidades circundantes possuem esses eventos ao longo do ano e movimento uma grande quantidade de público, obtive os seguintes gráficos das respostas:

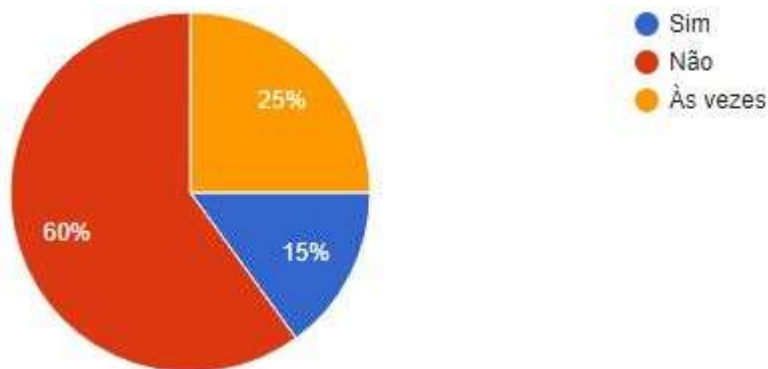


Figura 18 – Gráfico respondendo a questão “Participa de eventos e feiras relacionadas a quadrinhos, animes e afins?” da EEEB Gomes Carneiro

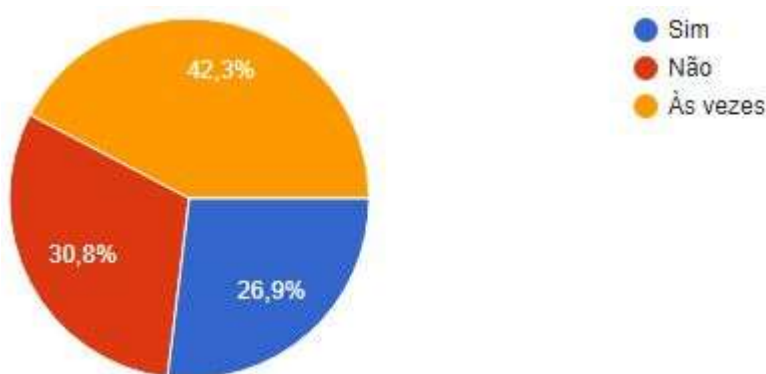


Figura 19 - Gráfico respondendo a questão “Participa de eventos e feiras relacionadas a quadrinhos, animes e afins?” da Porto Artes

Aqui, há uma grande diferença entre os alunos das instituições estudadas. Na escola formal uma parte considerável dos entrevistados não frequenta os eventos, das 120 respostas, 72 afirmam não participar. Das 26 respostas dos alunos da instituição não formal somente oito afirmam que não participam. E o percentual de leitores de quadrinhos entre aqueles que participam dos eventos é alto tanto entre os alunos da Porto Artes quanto nos alunos da Gomes Carneiro. Entre as respostas “sim” e “às vezes”, totalizando 48, do Gomes Carneiro, 77% desses são leitores (aqueles que responderam “sim” e “às vezes” na questão dois). Na Porto Artes, o número de leitores de quadrinhos aumenta para 94%, 17 das 18 respostas.

Sobre o uso de quadrinhos na escola, os resultados foram bem semelhantes, com a maioria dos estudantes apontando que há poucas atividades e trabalhos envolvendo quadrinhos.

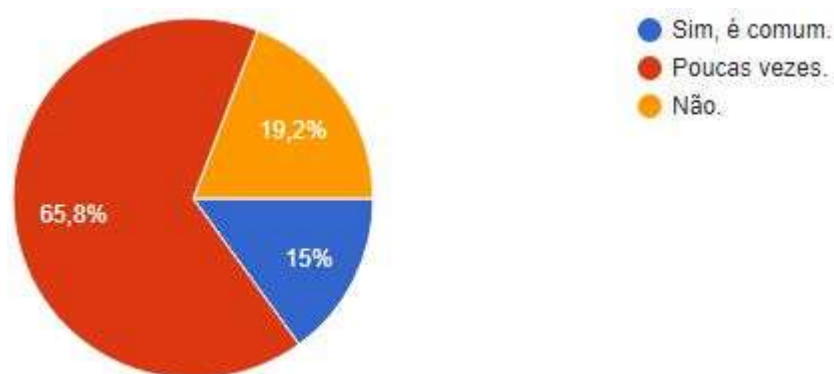


Figura 20 - Gráfico respondendo a questão “Na escola já realizou alguma atividade ou trabalho que envolveu a leitura e/ou produção de histórias em quadrinhos?” da EEEB Gomes Carneiro

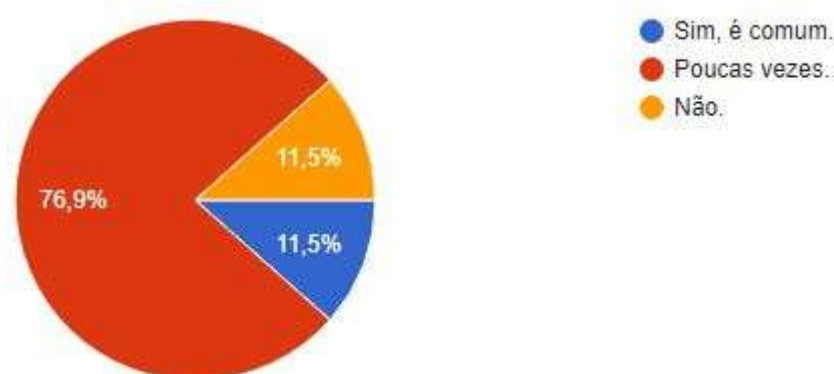


Figura 21 - Gráfico respondendo a questão “Na escola já realizou alguma atividade ou trabalho que envolveu a leitura e/ou produção de histórias em quadrinhos?” da Porto Artes

É interessante observar, no cruzamento de dados dos resultados obtidos, que a maior parte dos entrevistados que considerou como “poucas vezes” as atividades com quadrinhos nas escolas, tem hábitos de leitura dos mesmos. Nas 79 respostas da Gomes Carneiro, 41 são de leitores (assíduos e eventuais) e 38 de não-leitores. Uma proporção praticamente igual. Essa relação é de 17 leitores e três não-leitores, das 20 respostas obtidas nas entrevistas da Porto Artes. Em ambas as instituições, as respostas assinaladas como “não” também tem proporções próximas a 50% entre os leitores de quadrinhos e os não-leitores.

A penúltima pergunta do questionário convida o entrevistado a contar sobre suas histórias em quadrinhos e suas personagens. Dos alunos da escola Gomes Carneiro, obtive 36 respostas com “não” ou “não gosto”; 58 respostas em branco; 26 respostas falando sobre como gostam de criar histórias e

personagens, entre eles cerca de 7 demonstram que gostam de criar narrativas literárias e não em quadrinhos ou ainda alegam que gostam mas não tem prática, criatividade ou confiança. Das que criam narrativas e que compartilharam sobre suas histórias, 15 respostas são de alunas. Poucas dessas respostas descrevem as histórias e personagens, a maior parte trata-se do entrevistado comentando que cria as suas histórias com determinado assunto (com gêneros específicos como *yaoi* ou *isekai*), ou que às vezes cria narrativas e contos sobre o que ele viveu. Entre as histórias compartilhadas, há algumas que são bem características, como dessas duas alunas que criaram em conjunto uma história de magia e magos:

Eu criei uma história com minha amiga em que haviam dois reinos que estavam em guerra (os cientistas e os feiticeiros) e toda a exposição da química e mágica resultaram em mais um reino, o reino dos híbridos. Mas eu não costumo criar histórias para os personagens que crio. (sic)

Criei uma história com a minha amiga que haviam dois reinos, os cientistas e os feiticeiros. A mistura da química e da mágica resultou em um terceiro reino, os híbridos, que viviam nas ruínas e escombros da guerra, e o objetivo dos cientistas é encontrar o híbrido perfeito para fazer a poção da vida eterna. (sic)

Ou ainda a criatividade do aluno que criou uma história sobre um reino e seu ditador:

Não muito, prefiro escrever um livro. Sobre a história, estou escrevendo sobre o reinado de um monarca que, no início, respeita as regras e leis, mas acaba se tornando um tirano, e com ideias expansionistas, começa a dominar os reinos vizinhos (estilo Napoleão Bonaparte) até ser derrotado. Tudo passa entre os anos de 1611 até 1662 na Miskatânia, um país fictício que fala miskatanês, um idioma fictício (ambos criados por mim). (sic)

Dos estudantes da Porto Artes, ocorreram nove respostas negativas ou em branco, outras 17 respostas, maioria feminina, são positivas quanto a criação ou demonstram algum interesse na criação. Assim como os alunos da instituição de educação formal, existem pelo menos quatro respostas que os entrevistados alegam que não fazem por falta de criatividade, ou que ainda não possuem as habilidades necessárias, ou só fizeram na escola. Desses que

compartilharam suas histórias e personagens, a maior parte são de fantasia e magia, embora um tenha comentado sobre ficção científica e outros, histórias de humor. Como as respostas a seguir:

Sim, estou escrevendo um sci-fi que é também um character study. (sic)

Sim, faço de um mago e o seu aprendiz. O mago é muito inteligente e vive ajeitando as bagunças do aprendiz, e para dar uma lição nele, ele bate com seu cajado na cabeça do aprendiz. O aprendiz é muito atrapalhado e muito bobão, adora uma travessura e bolo de morango. (sic)

Sim, só tenho um personagem que me representa chamado Sky Wave, é um furry que possivelmente terá poderes. (sic)

Sim. Geralmente histórias meio aleatórias, além de alguns trocadilhos e por aí vai... mas ainda pretendo fazer quadrinhos com meus personagens mesmo. (sic)

A última pergunta do questionário era sobre o interesse que o entrevistado teria sobre um curso específico para criar quadrinhos. Ao responder a questão “Caso você já tenha feito, esteja fazendo ou deseje fazer algum curso específico para criar quadrinhos, qual motivo do interesse?”, os entrevistados da escola Gomes Carneiro foram, na maior parte, desinteressados (97 respostas “não me interessa”, “nunca fiz” ou deixou em branco). Outros 25 responderam com interesse em fazer, justificando o interesse, na maior parte dos casos, em melhorar o desenho tecnicamente e transformar ideias de histórias em algo concreto. Como alguns afirmaram:

“Trabalhar futuramente com isso e se possível botar a história finalmente para o papel.” (sic)

“Poder por minhas ideias e imaginação no papel.” (sic)

“Eu desejo fazer para concluir meu mangá.” (sic)

“Desejo fazer para transformar meus novels em histórias em quadrinho.” (sic)

“Quero ser designer de games ou animadora.” (sic)

“Incentivar a leitura em quadrinhos, fazer as pessoas se interessarem por assuntos que podem parecer ‘chatos’,

mas com uma forma diferente de ler, podem ficar interessados nos assuntos.” (sic)

Entre os alunos da Porto Artes, as respostas foram mais equilibradas entre aqueles que demonstram o interesse do que entre aqueles que não apresentam. Vale dizer que nem todos os entrevistados foram alunos das aulas de quadrinhos ministradas no curso. Nas respostas obtidas ocorreram 10 em branco e um demonstrando desinteresse. Outras 13 respostas foram positivas ao descrever a motivação de cursar. Em alguns casos, é o desejo de trabalhar futuramente com quadrinhos, em outros, o desejo de aperfeiçoamento e curiosidade, e em outros, ainda, o desejo de materializar ideias, assim visto no outro grupo de alunos estudado. Algumas das justificativas seguem:

“Me tornar um desenhista profissional.” (sic)

“Quero fazer futuramente. porque eu me interessar bastante em personagens de mangás e animes.” (sic)

“Estou fazendo um curso de quadrinhos no momento como um hobby e talvez para uma futura profissão.” (sic)

“Melhorar as minhas habilidades em desenho e aprender novas coisas.” (sic)

“Sim, porque quero ser um bom desenhista e tornar isso parte da minha profissão.” (sic)

4.1.4 Conclusão sobre as entrevistas

Concluindo a análise das entrevistas, é possível ter uma percepção mais clara do consumo desse tipo de produto cultural por parte dos jovens entrevistados, bem como a relação que os mesmos têm sobre essa mídia específica. As características mais perceptíveis que noto, são: a inclinação ao colecionismo por parte dos alunos do curso da Porto Artes e conseqüentemente, um conhecimento ligeiramente mais amplo de títulos de diversos gêneros, embora muito concentrado nos que estão em moda; a relação entre os leitores de quadrinhos e a participação em comunidades, feiras e eventos relacionados ao tema, presente em ambos os grupos

estudados; a insegurança, presente nos alunos das duas instituições, sobre suas capacidades de criação, tanto de narrativas quanto de desenhos; a persistente relação entre quadrinhos e narrativas infantis; ainda que minoria nas salas da escola formal, os aficionados por quadrinhos são uma parte considerável das turmas, com grande parte feminina; o domínio de dispositivos digitais sobre a mídia impressa, possibilitando maior acesso às HQs; a percepção geral de que esse tópico artístico é pouco explorado nas escolas.

Assim que as entrevistas foram realizadas, iniciei as aulas do estágio obrigatório com os alunos da escola. Como citado anteriormente, as aulas foram voltadas para a criação e prática de narrativas visuais.

4.2 Trabalhos dos alunos do estágio

As atividades desenvolvidas com os alunos seguiu o plano de aula que desenvolvi pensando em torno de dois eixos para a criação de quadrinhos: a relação entre texto e imagem, constituída em um movimento recíproco para a criação narrativa, ou seja, pensar o texto a partir de imagens, e pensar as imagens a partir de texto; e a liberdade de conteúdo narrativo. Assim as atividades se desenvolveram ao longo de 10 aulas – devido a imprevistos no cronograma da escola não foi possível desenvolver todos os trabalhos até o momento desse texto para que se pudesse analisar cada trabalho realizado com os alunos.

Os principais pontos que levo em consideração para analisar alguns dos trabalhos dos alunos são o desenvolvimento gráfico relacionado à fácil leitura de significados dessas representações gráficas e a desenvoltura do texto criado, observando a relação dos mesmos com o conteúdo iconográfico. Esses são os pontos, que como foi exposto anteriormente, são elaborados como elementos fundamentais aos quadrinhos, como expõe o teórico Groensteen¹⁴. Também levei em consideração para o desenvolvimento das atividades do plano de aula alguns exercícios praticados nas aulas de orientação do estágio,

¹⁴ “O sistema dos quadrinhos”, Groensteen, Thierry, 2015.

relacionados a ideias de Brunetti¹⁵, e exemplos expostos no livro *Histórias em quadrinhos e práticas educativas*¹⁶.

Iniciei as aulas com uma brincadeira utilizando o quadro para criar uma pequena história em quadrinho com os alunos. No quadro branco, criei requadros vazios e em dois deles criei onomatopeias. Então chamei um aluno para completar cada um dos requadros, e outros para criar um cenário. Após, chamei outro para completar com balões. Logo depois, expliquei um pouco melhor esses elementos básicos dos quadrinhos: requadro, ícone (qualquer desenho que esteja dentro do requadro), balão de fala (ou recordatório), onomatopeia e a relação entre os requadros. Essa atividade foi mais técnica e a maioria dos conceitos, mesmo que de maneira bem básica, os alunos demonstraram certo conhecimento prévio, provavelmente do próprio consumo e leitura de quadrinhos.

A atividade seguinte foi realizada em duplas, na maior parte das turmas, e consistiu na elaboração de um texto a partir de uma imagem. Para tal, fiz uma seleção de 14 imagens, pinturas e fotografias, de artistas modernos e contemporâneos, brasileiros e estrangeiros, em que a imagem poderia conter uma narrativa em potencial. Usei os seguintes trabalhos:

- *Ars longa, vita brevis*, 1900, de Ralph Hedley;
- *O chamado para reza*, de Jean-Leon Gerome;
- *3 de Maio de 1808 em Madrid*, 1814, de Francisco de Goya;
- *Hora do pão*, 1889, de Abigail de Andrade;
- *O absinto*, 1877, de Edgar Degas;
- *Leitora*, 1994, de Gerhard Richter;
- *Homem de bicicleta pelo bairro de Var*, 1932, de Cartier-Bresson;
- *Mãe e criança na janela do carro*, de Steve McCurry;
- *Vaidade*, 1913, de Angelina Agostini;
- *Mãe migrante*, 1936, de Dorothea Lange;
- *Passeata de trabalhadores*, 1926, de Tina Modotti;

¹⁵ *A arte de quadrinizar: filosofia e prática*, Brunetti, Ivan. Trad Marcelo Brandão Cipolla. Martins Fontes, São Paulo, 2013.

¹⁶ *Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola, e agora?*, org. Elydio dos Santos Neto, Marta Regina Paulo da Silva. Criativo, São Paulo, 2015.

- *Canto do Rio*, 1926, de Georgina de Albuquerque;
- *Thomas e sua mãe*, 1893, de Mary Cassat;
- *Chocó*, UNHCR, 2017, de Luisa Dörr;

Todas as imagens foram impressas em cópias coloridas e duplicadas, para que duas duplas pudessem pegar a mesma imagem. Assim as sorteei entre as duplas e pedi para que criassem uma história que poderia ocorrer antes ou depois daquele instante da imagem. Dei a liberdade para que criassem a história com o gênero literário que quisessem, então surgiram narrativas de terror, drama, romance, comédia e outras. Após os textos realizados procurei fazer uma rodada de leitura entre aquelas histórias que foram criadas a partir da mesma imagem, comparando como cada dupla teve ideias completamente diferentes partindo de elementos visuais idênticos. Não vou analisar todos os trabalhos realizados, pois foram mais de 60 textos entregues, porém farei uma breve análise sobre alguns que se destacaram.



Figura 22 - *Passeata de trabalhadores*, 1926, de Tina Modotti.

O primeiro caso, foi o texto em que a dupla realizou o texto com uma peculiaridade visual. A partir da imagem de Tina Modotti, escreveram um texto irreverente, sobre uma feira de chapéus. Utilizando a ideia da estética sertaneja, de chapéus e de botas, e os espaços de rodeios, a dupla criou a narrativa inventando um instante anterior à imagem, como causa para a cena cheia de chapéus. Depois a cena se desenrola, pela personagem de um homem “brega”, de modo que a feira de chapéus se torna uma grande celebração, como o mesmo nome do título do texto. Visualmente o texto dança pela folha fazendo voltas até que a frase final encontra o título, fechando um ciclo. De algum modo o texto parece ter o espírito peculiar e único da fotografia de Modotti.

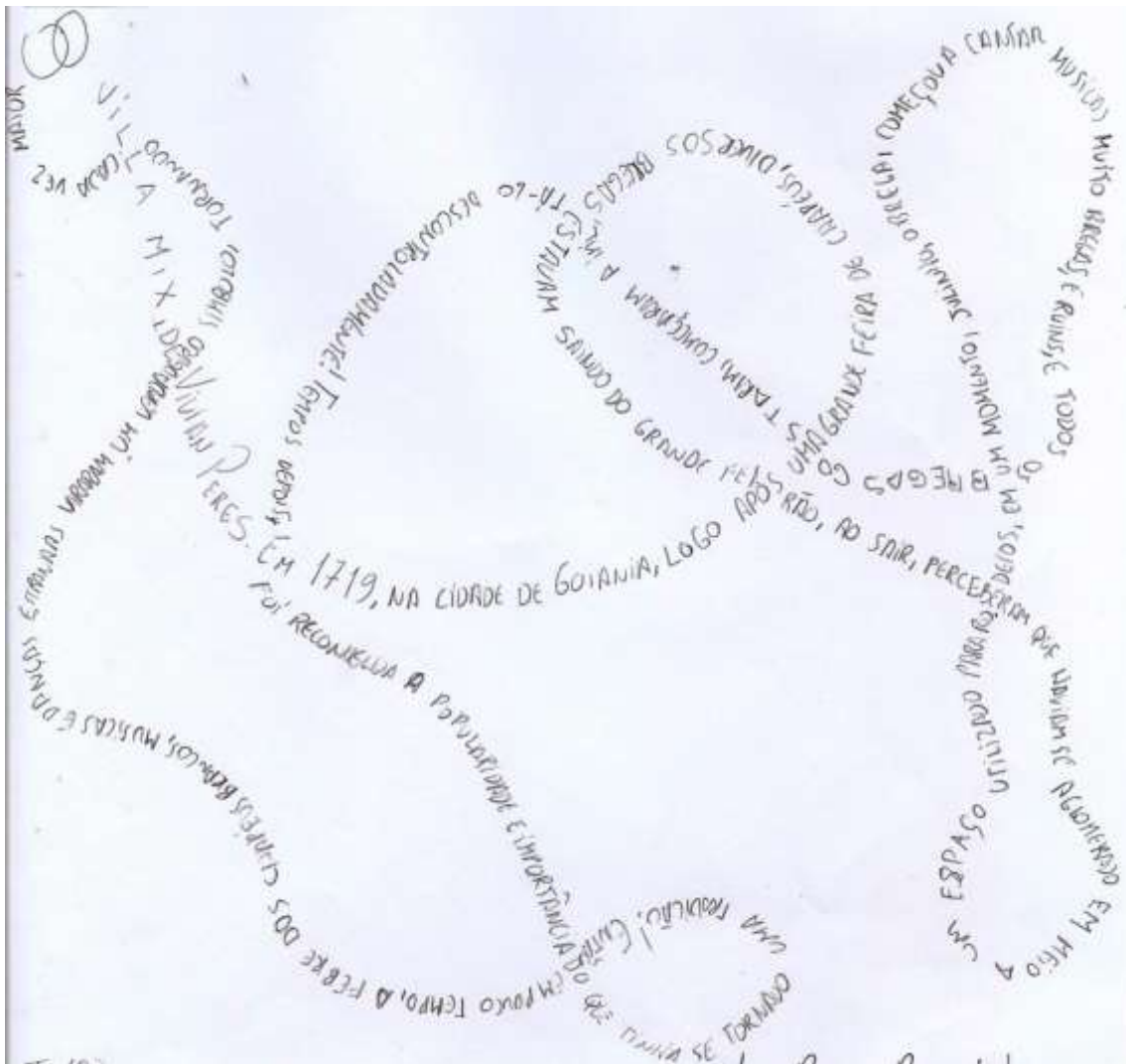


Figura 23 - Texto: O Villa Mix, de Vivian Peres.

O texto é o seguinte: “Em 1719, na cidade de Goiania, logo após uma grande feira de chapéus, diversos bregas estavam saindo do feirão, ao sair, perceberam que haviam se aglomerado em meio a um espaço utilizado para rodeios, em um momento, Julinho, o brega, começou a cantar músicas muito bregas, e ruins, e todos os bregas gostaram, começaram a imitá-lo descontroladamente! Tempos depois foi reconhecida a popularidade e importância do que tinha se tornado uma tradição! Então em pouco tempo, a febre dos chapéus brancos, músicas e danças estranhas viraram um verdadeiro símbolo, tornando cada vez maior O Villa Mix.” (sic)



Figura 24: 3 de Maio de 1808 em Madrid, 1814, de Francisco de Goya.

Outro texto que destaquei foi escrito a partir da imagem do pintor Goya. Da mesma maneira dramática que a cena foi composta, o texto da dupla foi carregado de uma narrativa, curta, porém complexa e com um vocabulário peculiar para estudantes do 1º ano do ensino médio. Explicita a relação que a aluna tem com a literatura e o apreço por escrever seus próprios contos nas horas vagas. Na narrativa desenvolvida, a voz do locutor toma a posição de um dos soldados franceses na cena, apontando o rifle para pessoas desarmadas no meio da noite, iluminados apenas pela luz de uma lamparina. O locutor toma consciência do ato de violência que está ocorrendo, refletindo sobre o dilema que ele enfrenta naquele instante. Contrariado com a ação, ele pesa entre a morte de um inocente e a própria morte por insubordinação. Em poucas linhas

foi feita uma reflexão poética e muito carregada de sentidos visuais nas palavras escolhidas pela dupla para expressar a dramaticidade da cena.

O texto é esse: *“Ao ver a vida deixar os olhos de mais um rebelde, um igual a tantos outros que já se foram pela coroa que nós servimos cegamente, algo mudou em mim. Espero que meus colegas não notem minha lágrima solitária ou escutem-na colidir com o chão encharcado, vermelho. Sei que se sair da linha estarei no lado oposto do mosquete. A justiça desse mundo certamente, com seu humor irônico, sentará de espectador outro soldado como eu que talvez ao ver a luz deixar meus olhos derrame uma lágrima solitária neste chão vermelho.” (sic)*

Nos próximos exemplos, irei mostrar o caso no qual a mesma imagem recebida pelas duplas gerou narrativas muito diferentes, em ritmo narrativo quanto em gênero. Os dois textos utilizaram como base a pintura de Georgina de Albuquerque, *Canto do Rio*. Nela observa-se três figuras destacadas sobre uma paisagem do Rio de Janeiro, com morros e a praia ao fundo. No primeiro plano, à sombra de árvores, duas mulheres sentadas numa pequena mesa conversam. Mais atrás, um rapaz as observa, sentado no banco de praça, relaxando o braço no encosto. Mais fundo parece ter um casal, afastado da cena principal. Essa pintura de tons pastéis e pincelada expressiva originaram textos de romance e suspense.



Figura 25: *Canto do Rio*, 1926, de Georgina de Albuquerque.

Na primeira dupla, a cena se desenrola um pouco antes do momento da imagem. Utilizando uma narrativa com uma voz de fora da cena, narram tudo na terceira pessoa, passiva às emoções descritas. A parte romântica da história ocorre toda depois da cena da pintura. Lúcia, Maria e Antônio interagem na praia e bares de Copacabana, até que um casal se forma e vivem uma história de amor à primeira vista. Um tipo de narrativa comum e idealizada, como um romantismo à moda clássica.

O texto:

“O dia estava lindo no Rio de Janeiro, todos estavam indo passear na praia de Copacabana. Lúcia e Maria combinaram de se encontrar em um barzinho que tinha perto da praia, as duas pediram um refresco e ficaram fofocando à tarde toda.

Lúcia estava em busca de um amor, Maria falou que a hora certa iria chegar, que não dava para apressar as coisas. Um belo homem vinha caminhando pela beira da praia e se senta num banco perto das moças, Maria percebe que ele olha muito para Lúcia que ficou muito interessada. O bar era muito famoso, tocava bossa nova ao vivo todos dias de tarde.

Maria já estava cansada e disse para Lúcia que iria pagar a conta, Maria se levantou e dirigiu-se até o caixa. No mesmo momento rapaz se levantou e convidou Lúcia para uma dança, a mesma aceitou e eles dançaram um bom tempo. Ele convidou para jantar, Lúcia ficou impressionada e aceitou rapidamente o convite do rapaz, que por sinal se chamava Antônio.

Ela voltou para casa com sua amiga e logo começou a se arrumar para o encontro, sua amiga ficou muito feliz por ela. Quando chegou a hora combinada Lúcia foi se encontrar com Antônio num restaurante chique na praia do Leblom. Os dois ficaram por horas conversando e bebendo. Realmente foi uma história de amor à primeira vista.”(sic)

A história da outra dupla, apesar de curta, é intensa. Nela a narrativa também parte da imagem para o instante seguinte, contando o desfecho das ações da pintura. Novamente o trio de personagens se destaca e age para o desenrolar do texto, onde Ariel e Isabella fogem de um rapaz desconhecido, que as encarava de uma maneira suspeita. Mesmo sendo um texto narrado na terceira pessoa, parece haver uma identificação entre as alunas que escreveram e as personagens. O assunto que abordam é violento e, infelizmente, muito atual. Parece que há uma espécie de catarse da violência, já que na história as personagens procuram as devidas autoridades para resolverem a ameaça daquele estranho rapaz, mas ignoradas, acabam por tomar ações extremas para terem a própria segurança. O texto parece corromper a qualidade estética da imagem, mais suave e descontraída, e surpreende o leitor que observar a pintura com um olhar mais inocente.

A seguir:

“*Stalker*

Em um belo dia duas amigas chamadas Ariel e Isabella foram a um pier passear e sentaram para tomar um chá e ficaram horas conversando.

Quando se deram conta um rapaz estava observando elas. Assustadas decidiram sair dali. Com medo foram a delegacia, mas não acreditaram nelas, chateadas decidiram ir para a casa descansar. Nos dias seguintes aconteceram coisas estranhas sem suas casa, ligaram para polícia e de novo

não acreditaram nelas. Isso se seguiu por meses mas ninguém acreditava que estavam sendo perseguidas.

Até que um dia Ariel acordou com um homem em sua casa, ligou para Isabella, que então pegou sua arma e foi para a casa de Ariel, pegou o homem de surpresa enquanto machucava a amiga e o matou.” (sic)

Ainda é válido levar em conta aqueles textos em que os alunos relacionaram as cenas das pinturas e fotografias com narrativas do seu cotidiano, utilizando pequenas histórias das suas vidas nas personagens que observavam antes de iniciar o conto. Assim surgiram histórias com as manchetes do dia anterior, como na pintura *Leitora*, de Gerhard, em que alunas descreveram a mulher com casaco de perfil para espectador e com o jornal à mão, lendo sobre o crime ocorrido na noite anterior à aula, onde o corpo de um rapaz foi encontrado no rio; ou as narrativas relacionando às vidas de mães solo com as imagens Mary Cassat, Dorothea Lange e Luisa Dörr. No caso das duas primeiras, ambas imagens exibem mulheres com crianças, e os textos que surgiram delas orbitam por narrativas que utilizavam como agentes as crianças e a mãe. Na pintura de Cassat, os textos foram mais sentimentais, pois a cena mostra a mãe beijando o ombro da criança. Já na fotografia em preto-e-branco de Lange, o tom das histórias foi geralmente sobre miséria e desolação. Na fotografia de Dörr, a mulher olha para o espaço fora da cena enquanto cozinha, com uma grande panela no fogão. Essa imagem íntima apareceu nos textos com um tom mais nostálgico e geralmente mais familiar.

A outra atividade realizada com as turmas foi a criação de uma pequena tirinha, feita com uma folha dobrada como sanfona. Utilizando os vincos das dobras cria-se naturalmente um requadro em cada parte e a dobradura toda parece um pequeno livro. Na primeira dobra pedi para os alunos, individualmente, que criassem uma capa com um tema. Assim foi designado que eles utilizassem como tema da tirinha lugares ou coisas que os emocionassem, que mexessem com os sentimentos deles, explicando por imagem e texto nas dobras seguintes. Como foi uma atividade que envolveu desenho, a preocupação daqueles que afirmam não saber desenhar ou que tem um desenho feio surgiu imediatamente nas turmas. Fiz questão de

explicitar e exemplificar por meio de autores de quadrinhos, como Juanjo Sáez ou Naldo Junio, que o desenho poderia ser simples e muito comunicativo. Quando apresentavam dificuldades na execução, auxiliava ou indicava que usassem os celulares, caso fizessem questão de desenhar imagens mais complexas. Uma aluna, em particular, utilizou pequenas fotos impressas para montar a tirinha. Desta atividade surgiram alguns temas recorrentes em todas as turmas, como o próprio ato do desenho, o futebol, tanto como torcedores quanto como jogadores, a música, as viagens, os jogos eletrônicos. Como não impus que utilizassem materiais específicos, os estudantes fizeram trabalhos desde só com lápis e poucas linhas, até a utilizando canetinhas de cor e enfeites de fitas e recortes inusitados. Alguns montaram suas tirinhas com a ordem inversa de leitura, com as sequências dos quadros indo da direita para a esquerda, assim como nos mangás.

Os exemplos que mostrarei a seguir apresentam somente o miolo das tirinhas, sem as capas, para preservar o nome dos estudantes.



Figura 26: tirinha *EU amo desenhar*.

“Às vezes não consigo fazer o desenho como queria, eu fico furioso / Mas quando consigo me torno novamente a pessoa mais calma do mundo. / Este sou eu apenas mais um menino que gosta de desenhar.” (sic)

Nessa tirinha o aluno falou sobre a frustração do erro nos seus desenhos, relacionando o texto diretamente com o ícone do quadro, procedimento realizado pela maioria dos estudantes. Utilizou expressões faciais que ficaram de acordo com o texto proposto e trabalhou com um estilo de traço bem próprio, fazendo uso de uma hachura bem solta e um certo

domínio sobre o traço e as formas. O terceiro quadro mostra uma ligação com quadrinhos japoneses, utilizando aquele desenho característico dos olhos:



Figura 27: tirinha *Desenhar*.

“Desenhar num papel alguma coisa ou personagem, isso vem desde pequeno... / Ficava praticamente em outro mundo quando desenhava, e hoje em dia é como se fosse algo tranquilizador e um hobby também... / E saber desenhar me deixa muito animado, pois posso criar minhas histórias que desenvolvo a muito tempo... / Resumindo, desenhar pra mim é vida, é minha essência.” (sic)

Na tirinha acima, fica evidente o domínio de técnicas de desenho, com clara influência de quadrinhos e animações japonesas. O texto parece criar uma narrativa um pouco mais fluida, coordenando representação iconográfica com a linguagem escrita de cada quadro. Além disso, criou uma narrativa mais biográfica. O comportamento que ele descreve na tirinha era completamente de acordo com o seu comportamento em sala de aula, um rapaz com um caderno lotado de desenhos, e que em cada aula ganhava mais um rabisco aqui e ali.



Figura 28: tirinha Assim como eu.

“Eu gosto muito de árvores. Elas suportam tudo de cabeça erguida. / Ajudam as outras pessoas com oxigênio. O clima nem sempre está bom para elas. / Tem uma época que parecem mortas e cansadas da vida. / Mas sempre voltam porque são fortes Assim como eu.” (sic)

Neste exemplo, a aluna utilizou um recurso gráfico interessante, repetindo o desenho básico de um tronco de árvore nos quatro quadros, com a copa se modificando de acordo com o texto. Ela não fez uma representação direta do que escreveu, mas sim uma representação simbólica do texto, e elaborou uma relação entre as características dos ciclos das árvores com sua própria pessoa. Pela lógica da repetição, a narrativa ganha um ritmo, quase cinematográfico, como se existisse um corte rápido de uma imagem para outra, com o elemento principal permanecendo no centro e o entorno se modificando, complementando a sequência.

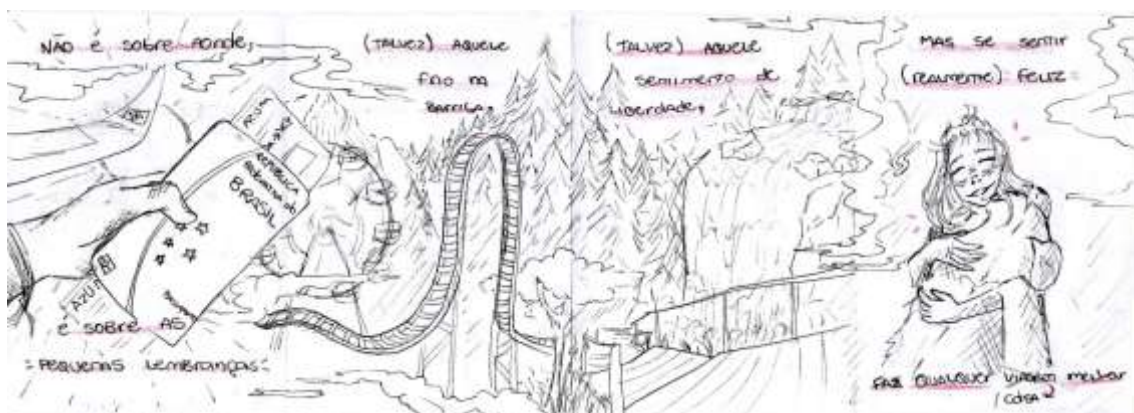


Figura 29: tirinha "Sobre viajar...".

“Não é sobre aonde, é sobre as pequenas lembranças / (talvez) Aquele frio na barriga / (talvez) Aquele sentimento de liberdade, / Mas se sentir (realmente) feliz faz qualquer ~~viagem~~ coisa mudar.” (sic)

Esse trabalho é peculiar pelo uso do espaço dos requadros. A aluna utilizou toda a extensão da tira para criar uma única imagem, com composição intrincada, utilizando vários planos e um desenho refinado, com perspectiva e representação realista. Tem-se assim a sensação de uma grande imagem panorâmica, com uma leitura fluída. Os elementos que vazam de um quadro para o outro guiam o olhar pela tirinha e fazem relação com expressões específicas do texto, como a representação de uma montanha-russa e de uma roda-gigante no quadro onde ela fala sobre frio na barriga, associando a sensação.



Figura 30: tirinha *Viajar & Música*.

“O que eu mais gosto em uma viagem é aquele encanto da novidade, de enxergar o mundo como uma criança, onde tudo é novo. A curiosidade de saber o que pensam e como vivem aquelas pessoas tão diferentes me fascina. Ao voltar, sinto as baterias carregadas, pronta para novos desafios, inspirada, cheia de novas ideias e com muito mais pique, e claro... já pensando no próximo destino. / Gosto de observar a forma como a letra se envolve na melodia, e vice-versa, tornando-se uma coisa só. Não tem um momento marcante que não tenha uma música (ou várias) correspondente. Às vezes sinto saudades de momentos e busco na memória, mas nada se conforma a forma como a música traz essas lembranças. É como se normalmente eu pudesse olhar minhas lembranças por um vidro, apenas olhar. E a música me

permitisse abrir a porta e tocar, sentir, reviver aqueles momentos que só existem na memória.” (sic)

Embora aborde o mesmo assunto da tirinha anterior, esta acima tem uma lógica de construção totalmente diferente. Nesta a seguir, a estudante utilizou uma construção bem simétrica e apoiada totalmente no texto, de modo que parece ser mais próximo a uma narrativa ilustrada, onde o elemento iconográfico não é parte indispensável para a compreensão do enunciado. Os elementos que foram desenhados servem mais como uma representação dos temas escolhidos pela aluna: um requadro para descrever suas emoções ao viajar e outro para desenhar elementos gráficos que remetem a viagens (mapas, placas, aviões), se repetindo nos dois quadros seguintes com o tema da música e como ela é afetada pela mesma.



Figura 31: tirinha Música.

“Por que eu gosto de música? A música sempre esteve comigo nos momentos que eu mais precisei e também não. Eu sou uma completa viciada em música internacional. Amo cantar e dançar – não necessariamente bem. Talvez a música seja literalmente tudo para mim! / Quando estive triste, a música me animou, quando estive feliz, a música manteve minha felicidade; quando estava no tédio, era só escutar música e pronto. Até quando vou ler, eu escuto música. / Eu adoro fingir que sei dançar e cantar!” (sic)

Essa aluna também utilizou o tema da música, porém fez uma composição no layout dos requadros um pouco mais refinada que a anterior. Aqui, ela cria uma linha diagonal mudando a proporção de textos e imagens

para cada instante. Enquanto o primeiro tem só texto, com alguns elementos decorativos, o último quadro é o desenho do celular com o aplicativo de música sendo utilizado, com os elementos textuais demonstrando os gostos pessoais. A coordenação entre texto e imagem nessa tirinha é gradual.



Figura 32: tirinha *Música & Instrumentos*.

“O violão... Ele é quem me instiga a aprender mais... / A bateria... Ela quem me anima no âmbito musical... / O teclado... É ele quem me acalma...” (sic)

Esse último exemplo o aluno aborda novamente o motivo da música, mas neste caso não só como um apreciador, um ouvinte e sim como um praticante, um músico. Construiu a sequência da tirinha utilizando um quadro a menos que a maioria e elaborou representações dos instrumentos de modo simples, como se fossem vistas de um desenho técnico, sem profundidade, mas ricos em detalhes, como se conhecesse cada parte desses instrumentos nos mínimos detalhes. Esses desenhos se tornam ícones da texto, servindo como um retrato de personagens que são apresentados ao leitor.

Mesmo nesses exemplos de exercícios simples, é possível ver a complexidade e potencialidade dos trabalhos que foram produzidos pelos alunos. Mesmo ocorrendo dificuldades na execução, geralmente devido à falta material – pois nem todos alunos levavam –, alguns alunos desinteressados, troca de horários, e interrupções nas sequências das aulas, foi possível

produzir trabalhos interessantes. Como o objetivo das aulas não era necessariamente o ensino técnico de narrativas e desenho voltado para histórias em quadrinhos, mas sim o desenvolvimento de narrativas visuais como um meio de expressão dos alunos, creio que os trabalhos desenvolvidos por grande parte deles conseguiram funcionar como meio próprio para tal. Fica visível por meio dos textos e desenhos, compreender seus desejos, anseios, decepções e alegrias, seus afetos familiares e escolares, por mais simples que sejam seus desenhos e palavras.

A terceira atividade, que consistiu em uma narrativa visual mais longa, uma história em quadrinho com duas páginas acrescida do roteiro, não poderá ser analisada neste trabalho pois eles ainda estão sendo desenvolvidos pelos alunos. Bem como outra atividade que constava no plano de aula que foi excluída para que se tivesse um tempo mais hábil para a produção da última atividade.

5. Considerações finais

Com a pesquisa, o levantamento de dados e das aulas, percebo as relações entre a escola, os jovens e os quadrinhos. De todos os objetos que tracei para guiar essa pesquisa, acredito que o mais valioso deles para mim, como professor, foi poder estimular o interesse em criar histórias, pondo em prática o desejo de tantos alunos que ansiavam em pôr suas idéias em forma de HQs. Trata-se um campo apto para experimentações, de forma e de conteúdo. Como uma mídia, de certo modo ainda em desenvolvimento, é como afirma Jean-Christophe Menu:

...a sua história é uma história de atraso em relação à literatura, à pintura etc. Creio que os quadrinhos estão agora talvez em um estado equivalente ao dessas formas nos anos 1910-1920. Afirmo que a vanguarda pode ser ainda relevante com relação à bande dessinée, e que talvez seja a última arte para a qual tal termo ainda tem sentido. (MENU, apud. GARCÍA, 2012, p. 310)

Já em relação ao consumo dos jovens sobre esse tipo de produto cultural, fica evidente pelas entrevistas realizadas, mesmo que seja um recorte pequeno e específico, como os gostos e hábitos são constituídos por mídias contemporâneas. O que quero dizer com isso é que os alunos entrevistados, aqueles que possuem o hábito da leitura de quadrinhos, o fazem por meio digital, por meio de aplicativos e plataformas especializadas, e se baseiam nos títulos mais divulgados pelo mercado, muitas vezes influenciados pelas animações, filmes e séries. Esse referencial de autores e obras pode ser e deve ser expandido, ampliando um leque de escolhas que os alunos podem ter sobre as suas leituras, bem como conhecer profissionais na área e que são próximos e acessíveis, como os autores das cenas independentes e locais. Para isso deve ser feito um trabalho mais longo, mostrando mais trabalhos, convidando artistas para conversar. Isso ainda está em elaboração, mas o fato de ver a surpresa dos estudantes ao saber que meus amigos e eu produzimos quadrinhos, e como eles se animaram com isso, foi já um começo.

É preciso perceber, que como modalidade artística, a HQ é por natureza popular, livre e contestadora, assim como o é inspirar e praticar junto com os alunos. Como García conclui em *A Novela Gráfica*:

[...]os quadrinhos como forma artística não têm nada de vulgar nem de infantil. Ao contrário, eles são sofisticadíssimos. Os quadrinhos não são um híbrido de palavra e imagem, um filho bastardo da literatura e a arte que foi incapaz de herdar as virtudes de seus progenitores. Os quadrinhos pertencem a uma estirpe distinta, e se realizam em um plano diferente daquele em que se realizam cada uma dessas artes. (GARCÍA, 2012, p. 301)

Vai além:

Temos de entender os quadrinhos como meio integrado pela forma artística, mas também pelas empresas editoras e suas crises econômicas, pelas redes de distribuição e seus avatares, pela queda das bancas e o surgimento das livrarias especializadas, pelos rituais e práticas dos leitores, pelo colecionismo e as convenções de quadrinhos, pelas variações de formatos, o efeito que causaram e as razões por que foram produzidas, pela consciência ou não de si mesmos dos autores

profissionais que os têm produzido. (GARCÍA, 2012, p. 302)

Os quadrinhos são um reflexo do seu contexto: onde e quando foi consumido e criado. Se hoje temos uma determinada relação com esse tipo de arte, é porque determinados contextos e narrativas dirigiram a história até essa relação. Portanto acho necessária a prática de leitura e produção de histórias em quadrinhos na escola, possibilitando parte do público consumidor a poder criar um senso crítico em relação a esse tipo de arte.

Sendo assim, os resultados dos trabalhos dos alunos foram definitivamente surpreendentes. Desde aqueles que já tinham um conhecimento e uma linguagem gráfica mais profundos até os que nunca fizeram algo do gênero. Desenhos simples e expressivos, textos carregados de sentimentos mostraram o potencial de vários alunos. E assim espero que eles possam seguir fazendo suas narrativas, e aqueles que desejam seguir com a profissão, que estes trabalhos sejam os primeiros de vários. Até o momento, não foi possível utilizar mais aulas e tempo para uma exercícios com embasamento teórico e práticas variadas, isso permanecendo em possibilidade para o futuro. Por mais simples que uma história possa parecer, sua construção é complexa e diversa. Em relação aos meios com os quais trabalhei com os estudantes e tentei articular a prática que tenho no espaço não formal transportada ao espaço formal de educação, isso foi se adaptando ao tempo, às circunstâncias e às situações experienciadas na escola sem grandes mudanças.

No fim, de toda a experiência do estágio, do curso de licenciatura, da prática profissional, criei um conjunto de tirinhas e *cartoons* como uma série de reflexões sobre a jornada que realizei durante o último ano. Esse diário é anexo deste trabalho, juntamente com as entrevistas e o plano de aula detalhado que utilizei nas aulas do estágio. E por fim, encerro esse texto com um verso de *Filosofia pura* da cantora Bethânia:

Quanto mais a gente ensina

mais aprende o que ensinou.

6. Referências

- BRUNETTI, I. (2013). *A arte de quadrinizar: Filosofia e prática*. São Paulo: Martins Fontes.
- CAMPOS, R. d. (2015). In: R. d. CAMPOS, *Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos* (p. 183). São Paulo: Veneta.
- GARCÍA, S. (2012). A novela gráfica. In: S. GARCÍA, *GARCÍA, Santiago* (p. 77). São Paulo: Martins Fontes.
- GROENSTEEN, T. (2015). In: T. GROENSTEEN, *O sistema dos quadrinhos* (p. 110). Nova Iguaçu: Marsupial Editora.
- JUSTINO, J. A., & JOLY, I. Z. (30 de outubro de 2017). Diálogos em educação musical: estudo de uma práxis dialógica com crianças na perspectiva da educação não formal. *Revista de Ciências da Educação*(38), pp. 107-132.
- McCLOUD, S. (2008). *Desenhando quadrinhos*. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda.
- MENU, J.-C. (2012). In: S. GARCÍA, *A novela gráfica* (p. 310). São Paulo: Martins Fontes.
- NETO, E. d., & SILVA, M. R. (2015). *Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola, e agora?* São Paulo: Criativo.
- TÖPFFER, R. (2015). Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos. In: R. d. Campos, *Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos* (p. 90). São Paulo: Veneta.

7. Anexos

Planilhas com as respostas das entrevistas dos alunos da Porto Artes:

<https://drive.google.com/open?id=1RWgVTAVB8VuSrT8YVCLYxxqofOROhYZvYmQcgvP9Vr4>

Planilhas com respostas das entrevistas dos alunos da EEEB Gomes Carneiro:

<https://drive.google.com/open?id=1XjYHEql7ITwexY8bK7eIIRoFI5CXhMRzaY3tFqARZZc>

ENTREVISTA : HISTÓRIAS EM QUADRINHOS OU ILUSTRADAS E EDUCAÇÃO

Esse questionário tem por objetivo reunir respostas em torno da leitura de histórias em quadrinhos ou ilustradas entre crianças e jovens, suas preferências de consumo simbólico e/ou capital. A participação é livre e anônima. Os resultados contribuirão para com a **PESQUISA ARTES GRÁFICAS E SEQUENCIAIS NA CULTURA MIDIÁTICA INFANTIL E JUVENIL: EDUCAÇÃO, PRODUÇÃO E LEITURA**, coordenada por Paula Mastroberti, docente do Instituto de Artes da UFRGS e Coordenadora do PIBID Artes Visuais da UFRGS, e para a elaboração do trabalho de conclusão de curso **Quadrinhos na educação de artes visuais: um estudo comparativo entre educação formal e não-formal**, produzido pelo aluno de graduação Pablo Sanches, e serão utilizados exclusivamente para esse fim. Pedimos que não se identifique e agradecemos sua colaboração!

***Obrigatório**

1. Escreva aqui sua idade, o nome da sua escola/colégio e o ano que está cursando: *

2. Gênero: *

Marcar apenas uma opção.

- Feminino
- Masculino
- Não me enquadrado

3. Você lê histórias em quadrinhos? *

Marcar apenas uma opção.

- Sim (neste caso, pule para a questão 6 e responda dali em diante)
- Não (neste caso, responda apenas à questão 4, 12, 13, 14)
- Às vezes (neste caso, responda da questão 5 em diante)

4. Não, porque...

Marque todas que se aplicam.

- ...não gosto.
- ...não compro nem tenho como ler emprestado.
- ... prefiro ler livros.
- Outro: _____

5. Às vezes, porque...

Marque todas que se aplicam.

- ...depende da história.
- ...porque nem sempre consigo comprar ou ler emprestado.
- ...porque divido meu tempo de leitura com livros.
- Outro: _____

6. Gosto principalmente de... (cite seus quadrinhos/livros preferidos)

7. Dentre esses, qual seu gênero favorito?

8. Você diferencia histórias em quadrinhos, tirinhas e gibis? Por quê?

- Sim.
- Não.

9. Como você obtém seus quadrinhos?

Marque todas que se aplicam.

- Compro nas bancas ou livrarias.
- Peço emprestado.
- Tem na biblioteca da minha escola.
- Leio na Internet.
- Outro: _____

10. No caso de leitura de quadrinhos online, você lê...

Marque todas que se aplicam.

- No computador ou notebook.
- No celular.
- No tablet.
- Imprimo para ler.
- Outro: _____

11. No caso de obter na biblioteca da escola, quais são os quadrinhos disponíveis?

12. Acompanha alguma outra mídia relacionada aos quadrinhos?

Marque todas que se aplicam.

- Filmes.
- Séries.
- Animes.
- Outro: _____

13. Participa de eventos e feiras relacionadas a quadrinhos, animes e afins?

Marcar apenas uma opção.

- Sim.
- Não.
- Às vezes.

14. Na escola já realizou alguma atividade ou trabalho que envolveu a leitura e/ou produção de histórias em quadrinho?

Marcar apenas uma opção.

- Sim, é comum.
- Poucas vezes.
- Não.

15. Você também gosta de criar seus próprios quadrinhos? Se a resposta for sim, conte-nos um pouco sobre os personagens e histórias que gosta de criar.

16. Caso você já tenha feito, esteja fazendo ou deseje fazer algum curso específico para criar quadrinhos, qual motivo do interesse?

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – FACULDADE DE
EDUCAÇÃO**

DEPARTAMENTO DE ENSINO E CURRÍCULO – DEC

***Estágio II – Docência em Artes Visuais no Ensino Fundamental (EDU
02089)***

**Professores orientadores: Cristian Poletti Mossi (Ensino Fundamental) e
Paola Basso Zordan (Ensino Médio)**

PROJETO DE ENSINO

1. Título: “Histórias em quadrinhos e narrativas visuais na escola”

1.1 Estagiário: Pablo Sanches

1.2 Escola: EEEB Gomes Carneiro

1.3 Localização: Praça Paulo de Argão Bozano, Vila Ipiranga

1.4 Prof. Supervisor: Andra/ Renata Reis

1.5 Turmas: 90 e 91 (EF); 100, 101, 103, (EM)

1.6 Horários: Segunda-feira, 7:30h / Quinta-feira, 8:20h e 10:15h (EF);
Segunda-feira, 11:05h / Quinta-feira, 7:30h e 9:10 (EM)

1.7 Horas-aula: 20h (EF) e 20h (EM)

2. Contexto:

A escola Gomes Carneiro há está pouco mais de 60 anos situada no bairro Vila Ipiranga, na região Noroeste de Porto Alegre – região com bons indicadores sociais. Ocupa a praça Paulo de Aragão Bozano, próxima ao hospital Banco de Olhos, atendendo alunos dos bairros próximos. A instituição se destacou em 2016 pois foi a primeira colocada entre as escolas estaduais do Brasil no ENEM do mesmo ano. A escola tem uma estrutura simples, com prédios de no máximo dois andares de altura, organizados em 4 blocos conectados por um pátio interno, as instalações da direção e refeitório. Possui uma grande área externa com quadras e áreas de livre circulação. Possui sala multimídia e laboratório de informática, no entanto as salas de aula são bem simples, muitas possuindo somente quadro negro e classes.

Em relação às turmas que estão sendo observadas, tanto no ensino fundamental quanto no médio, o que mais surpreende é a quantidade de alunos. A média é de 30 alunos por turma, sendo que as turmas do terceiro ano do médio são as menores. As duas turmas do ensino fundamental são as mais agitadas e barulhentas e aparentam uma maior uniformidade em relação às conexões afetivas dos alunos, parecem ser um grupo mais coeso. O contrário ocorre nos últimos anos do ensino médio. Neles os grupos são mais visíveis e mais restritos. Todos os alunos relataram sobre as aulas de artes que possuíam até o primeiro mês de aula desse ano. A professora, que já atuava à anos na escola, parece apreciada pelos alunos que tiveram aulas com ela. Fizeram muitas atividades de práticas artísticas. Nos anos finais do médio, estavam mais focados em conteúdos de história da arte. Das 5 turmas, o interesse em desenho, assunto que abordei com uma rápida conversa com as turmas, é dividido, tendo turmas muito interessadas e outras não. Em todas as turmas alunos que se interessam por atividades diversas das artes, como teatro, música e dança. O que vejo como uma linha comum a todas as turmas é o consumo de séries, filmes, livros, desenhos animados, vídeo games e histórias em quadrinho. O uso de celulares também é prática comum aos alunos, mas

não parece ser usado em demasia, e todos parecem bem abertos as propostas futuras, atividades externas e com uso de tecnologias.

3. Temática principal:

O tema o qual decidi trabalhar com os alunos é narrativa visual por meio do sistema de histórias em quadrinhos, e tem ligação direta ao meu trabalho de conclusão de curso. Como este será relacionado à minha experiência como professor de curso de desenho e quadrinhos em um estúdio próximo da escola observada, inclusive com alguns alunos em ambos os locais, a utilização de quadrinhos como um meio de expressão artística parece bem relevante. Um levantamento, por meio de entrevistas, dará continuidade à uma pesquisa sobre o consumo desta mídia junto aos jovens em idade escolar.

Dentro das conversas com as turmas instiguei os alunos sobre o fato de contar histórias e narrativas, tendo como resposta um interesse por parte dos mesmos. Como muitos tem certo receio das práticas de desenho decidi abranger os métodos de produção de narrativas visuais que gostaria de trabalhar com os alunos, porém atento ao tempo disponível, aos materiais e condições plausíveis.

4. Objetivos:

O principal objetivo do projeto centra-se na produção de narrativas visuais e na elaboração das mesmas utilizando diferentes elementos visuais. Estender o vocabulário visual dos alunos e a compreensão sobre esta mídia específica, mostrando o potencial narrativo que cada um pode conter em si.

Dentro de um recorte mais preciso é um modo de estimular a produção de histórias, escrever e representar idéias por meio de textos e imagens. Também uma maneira de procurar que os alunos possam ser os autores das próprias histórias que habitam o espaço no qual eles circulam diariamente. Também procuro produzir as narrativas por linguagens mais acessíveis e práticas para os alunos e assim desmitificar a crença que a história só é válida pelo excelentismo gráfico e virtuosismo, ainda perpetuado socialmente.

5. Justificativas:

O principal motivo pelo qual é relevante o ensino e a produção de narrativas visuais e histórias em quadrinho? É fato que estes tipos de produtos culturais estão cada vez mais presentes e abundantes na nossa cultura, porém como um produto pronto e “industrializado”, isolado do consumidor. Permitir que os alunos sejam os autores de suas próprias histórias e inquietações estéticas é um modo de concientizar-los sobre o processo criativo e prático das mesmas, explorando o potencial poético dessa mídia. A natureza ambígua das narrativas visuais e histórias em quadrinhos, que advém de um contexto textual e outro visual, torna seu estudo interessante para um aprimoramento interpretativo do texto e da imagem, pois é essencial que o leitor faça as conexões dos signos e textos.

6. Metodologia e/ou estratégias utilizadas: planilha de aulas

*Devido ao grande número de alunos por turma e por dispor de pouco tempo para a execução das aulas, a maioria das atividades serão realizada em grupo.

EM (100, 101, 103)	Conteúdo	Objetivo	Metodologia	Avaliação
Aula 01 (30/09) (03/10)	Narrativa Inter-relações entre imagem e texto	Exercitar a escrita e imaginação.	Produção textual usando como ponto de partida imagens pré-selecionadas, imaginando narrativas possíveis para as imagens. Leituras dos textos podem ocorrer ao final da aula.	Como é a escrita dos alunos? Que tipo de narrativa surge da imaginação dos alunos? Como é a conexão entre imagem e texto que foi produzida?
Aula 02 (7/10) (10/10)	Narrativa Visual Modalidade de desenho Inter-relações entre escrita e imagem	Exercitar o desenho de imaginação e criar uma pequena narrativa visual.	Produção de uma pequena narrativa visual (tirinha) por meio de desenhos, partindo de pequenas frases.	Como foi o desenvolvimento gráfico da tarefa? Como se deu a conexão entre texto e imagem?
Aula 03 (14/10) (17/10)	Narrativa Visual	Produzir uma narrativa curta e ilustrada.	Utilizar os espaços da escola como elementos das narrativas (possível uso de celulares para capturar e produzir as imagens).	Como se desenvolveu a lógica entre o espaço da escola e as narrativas dos alunos?
Aula 04 (21/10) (24/10)	Narrativa Visual	Continuação da Aula 03	Continuação da Aula 03	Continuação da Aula 03
Aula 05 (28/10) (30/10)	Narrativa Visual	Continuação da Aula 04	Continuação da Aula 04	Continuação da Aula 04

Aula 06 (04/11) (07/11)	Narrativa Visual	Discussão sobre os trabalhos da aula anterior.	Apresentação dos trabalhos e discussão sobre a produção.	Quais as relações desenvolvidas sobre narrativas visuais?
Aula 07 (11/11) (14/11)	Narrativa Visual	Discussão sobre os trabalhos da aula anterior.	Apresentação dos trabalhos e discussão sobre a produção.	Quais as relações desenvolvidas sobre narrativas visuais?

EF (90, 91)	Conteúdo	Objetivo	Metodologia	Avaliação
Aula 01 (03/10)	Narrativa Modalidade de Desenho	Exercitar o desenho, improvisação e imaginação.	Em conjunto com os alunos desenvolveremos pequenas histórias no quadro, revezando os criadores ao longo do processo de criação dessas narrativas. Após, discussão sobre a atividade.	O quão à vontade os alunos se sentem para desenhar? Como é a relação deles com as narrativas visuais?
Aula 02 (10/10)	Narrativa Inter-relações entre imagem e texto	Exercitar a escrita e imaginação.	Produção textual usando como ponto de partida imagens pré-selecionadas, imaginando narrativas possíveis às imagens. Leituras dos textos podem ocorrer ao final da aula.	Como é a escrita dos alunos? Que tipo de narrativa surge da imaginação dos alunos? Como é a conexão entre imagem e texto que foi produzida?
Aula 03 (17/10)	Narrativa Visual	Produção de uma pequena tira em quadrinhos.	Com uma folha A4, duplas farão uma dobradura na folha em forma de sanfona, cortando ao meio em duas tiras em zig-zag. Então cada aluno proporá para o outro um tema simples para ser trabalhado. Usando as marcações da folha, cada aluno	Como é a produção em duplas? Como é o desenvolvimento gráfico e narrativo limitado por alguns parâmetros? Como os temas propostos foram desenvolvidos

			terá um espaço e um número limitado de quadros para ser trabalhado.	visualmente?
Aula 04 (24/10)	Narrativa Visual Modalidade de desenho Inter-relações entre escrita e imagem	Exercitar o desenho de imaginação e criar uma pequena narrativa visual.	Produção de uma pequena narrativa visual (tirinha) por meio de desenhos, partindo de pequenas frases.	Como foi o desenvolvimento gráfico da tarefa? Como se deu a conexão entre texto e imagem?
Aula 05 (31/10)	Narrativa Visual	Continuação da Aula04	Continuação da Aula04	Continuação da Aula04
Aula 06 (07/11)	Narrativa Visual	Produzir uma narrativa curta e ilustrada.	Utilizar os espaços da escola como elementos das narrativas (possível uso de celulares para capturar e produzir as imagens).	Como se desenvolveu a lógica entre o espaço da escola e as narrativas dos alunos?
Aula 07 (14/11)	Narrativa Visual	Continuação da Aula06	Continuação da Aula06	Continuação da Aula06
Aula 08 (21/11)	Narrativa Visual	Continuação da Aula06	Continuação da Aula06	Continuação da Aula06
Aula 09 (28/11)	Narrativa	Discussão sobre os trabalhos da aula anterior.	Apresentação dos trabalhos e discussão sobre a produção.	Quais as relações desenvolvidas sobre narrativas visuais?
Aula 10 (05/12)	Narrativa	Discussão sobre os trabalhos da aula anterior.	Apresentação dos trabalhos e discussão sobre a produção.	Quais as relações desenvolvidas sobre narrativas visuais?

6.1 Recursos

Material para as aulas:

Ensino Fundamental: Aula 01- Quadro

Aula 02- Folhas pautadas / Imagens impressas (professor)
Aula 03- Folhas sulfite A4, tesouras, lápis, canetas hidrocor, lápis de cor
Aula 04 e 05- Folhas sulfite A4, lápis, canetas hidrocor, lápis de cor, régua / Textos impressos (professor)
Aula 06 a 08- Folhas sulfite A4 ou cartolina, tesouras, cola, lápis, canetas hidrocor, lápis de cor, celular

Ensino Médio:

Aula 01- Folhas pautadas / Imagens impressas (professor)
Aula 02- Folhas sulfite A4, lápis, canetas hidrocor, lápis de cor, régua / Textos impressos (professor)
Aula 03- Folhas sulfite A4 ou cartolina, tesouras, cola, lápis, canetas hidrocor, lápis de cor, celular

7. Referências

SÁEZ, Juanjo. (2013). *A arte: conversas imaginárias com minha mãe*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

GROENSTEEN, Thierry. (2015). *O sistema dos quadrinhos*. Nova Iguaçu: Marsupial Editora.

Organizadores: SANTOS NETO, Elydio dos; SILVA, Marta Regina Paulo da. (2015). *Histórias em quadrinhos e práticas educativas, volume II: os gibis estão na escola, e agora?*. São Paulo: Editora Criativo.

BRUNETTI, Ivan. (2013). *A arte de quadrinizar: filosofia e prática*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Vídeos do antigo programa *TAC AU TAC*, veiculado na *Office de radiodiffusion-télévision française (ORTF)*, emissora de televisão pública francesa, que durou de 1969 à 1975. Link com vídeos: <https://www.bdggest.com/news-608-BD-Tac-au-tac.html>



Sala de Experimentações

Toda sala de aula é potencialmente um local de experimentos, tanto para os alunos quanto para o professor. Por vezes acontecem alquimias, por vezes acontecem explosões.

It's alive!
It's ALIVE!!



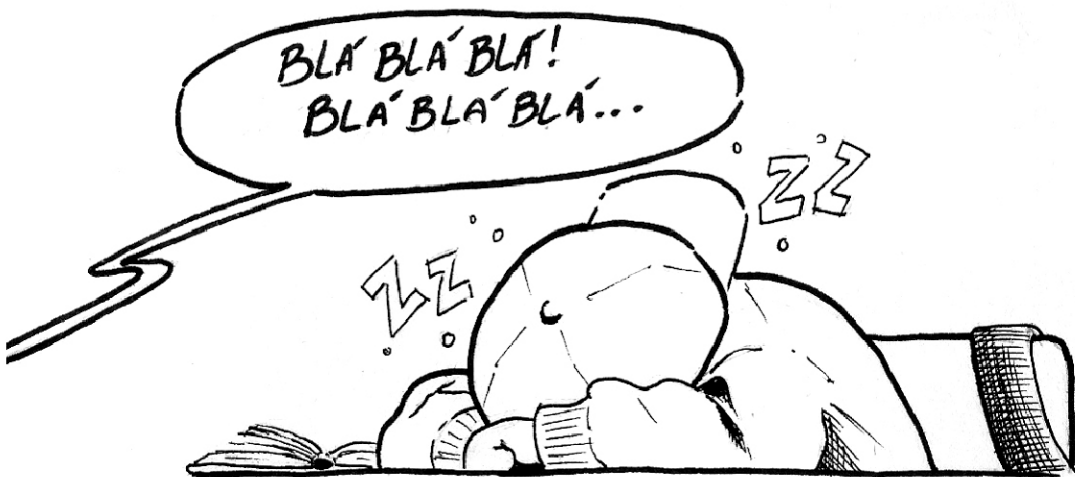
Laboratório da Vida

Talvez todo professor tenha alguma
coisa de cientista maluco..
Para o bem ou para o mal.



Trilhas do Equilíbrio

Ter aula, dar aula, chegar atrasado,
chegar cedo, preparar aula, fazer trabalho,
descansar, desenhar, fazer piada, falar
sério, família, estudos.
É um constante malabarismo.



Praia do Interesse

Sabe aqueles locais que parecem não ter nada de mais, mas são interessantes e importantes para alguém?
Ali pode ter uma vista e tanto!
(ficar atentos esses locais)



QUE CARA ESTRANHO... FICA ANOTANDO NAQUELE CADERNINHO...

Cordilheira da Desconfiança

Quando chegamos em um novo território temos que atravessar uma barreira natural. Somos um estrangeiro, um estranho. Temos que achar as melhores trilhas e ir com calma. com o tempo seremos acolhidos.

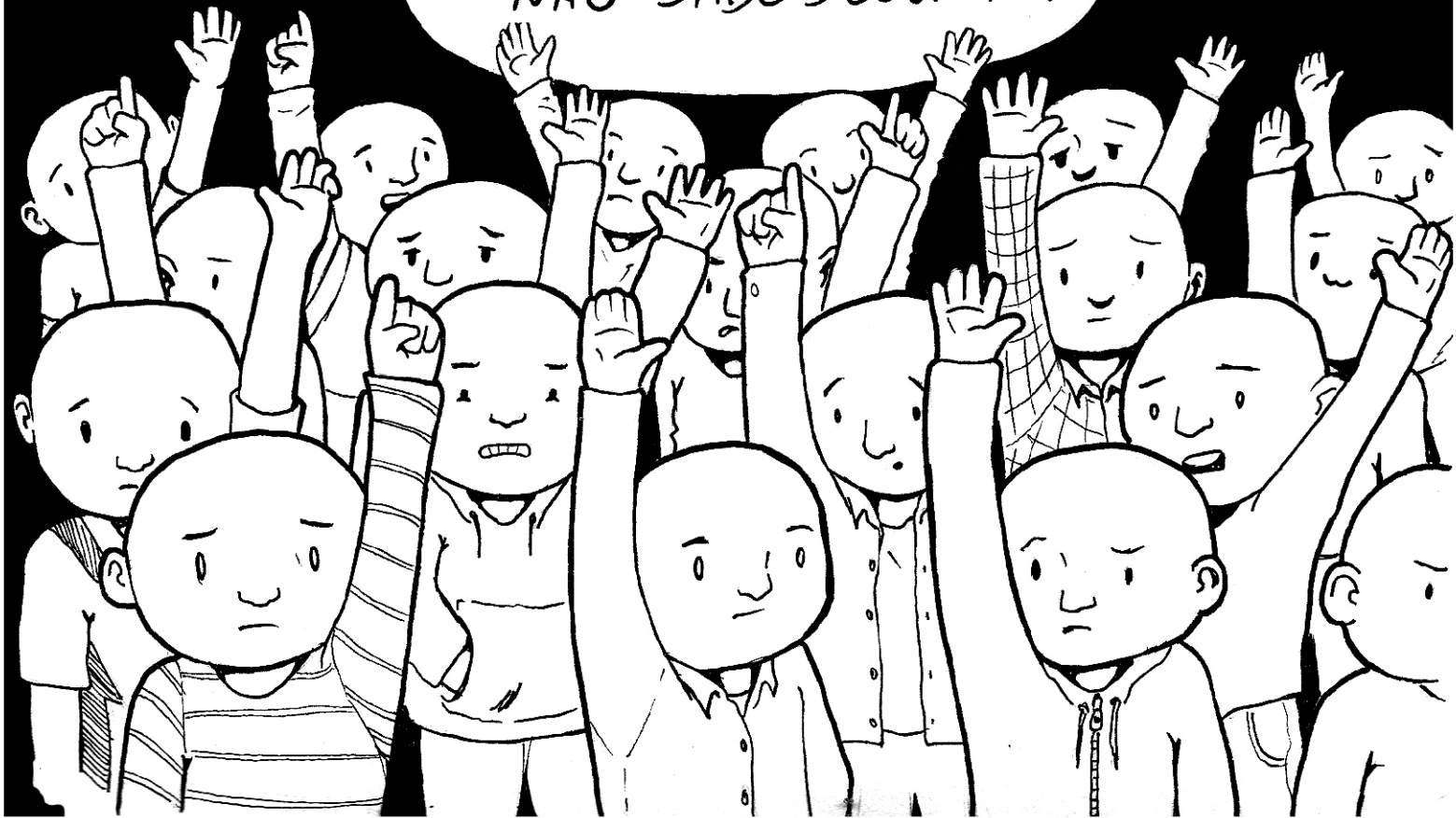


Arquipélago do Sono

Tem alunos que no meio do mar de conversa da sala conseguem achar um local para dormir...

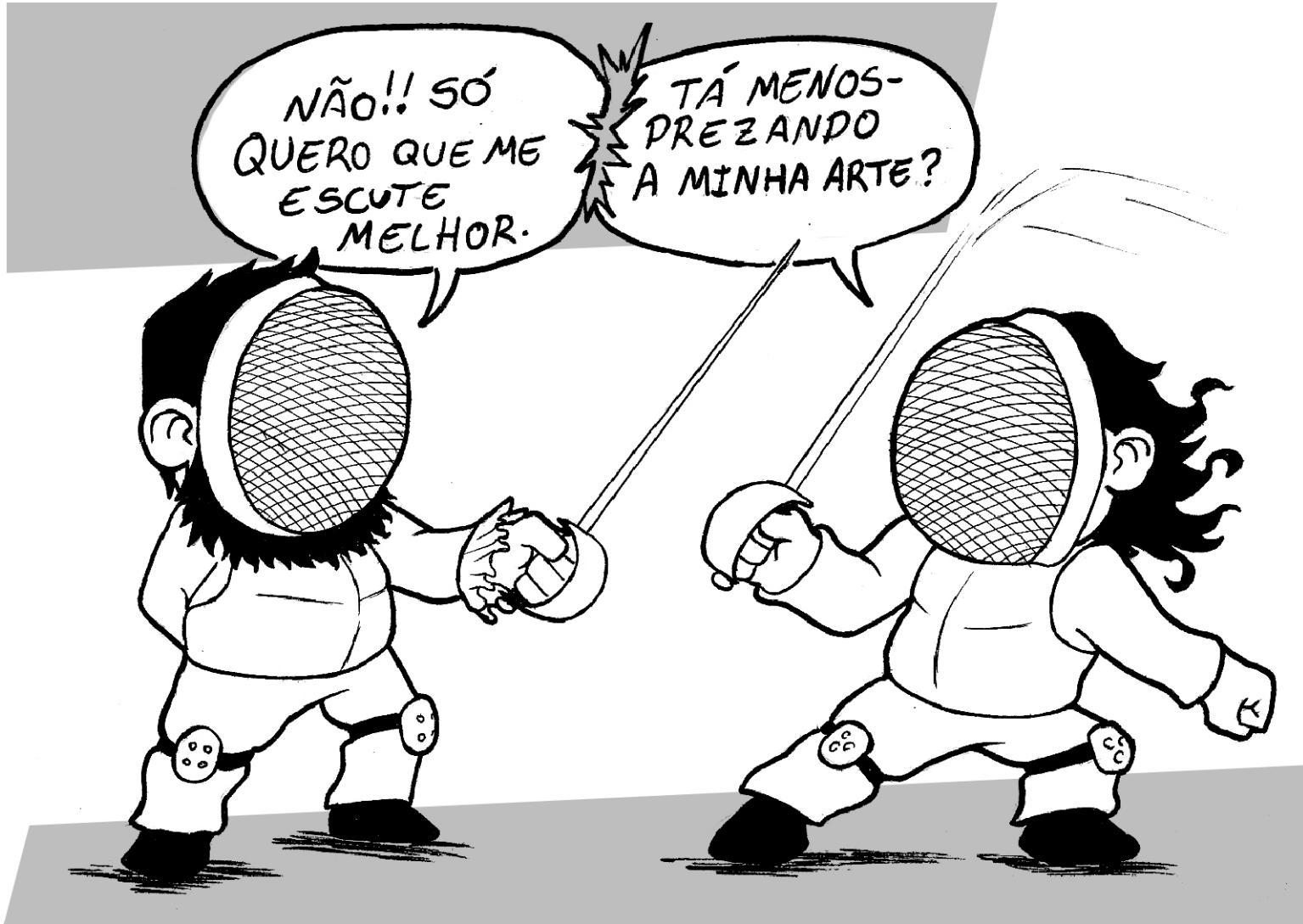
Impressionante.

QUEM ACHA QUE
NÃO SABE DESENHAR?



Floresta do Medo (do desenho)

Que medo é esse do desenho?
Uma floresta de braços levantados afirmando que não
sabiam desenhar.
Tem uma trilha ali para ser explorada.



Arena da Discussão

Às vezes encontramos no meio da sala uma pequena arena pronta para o embate. Como se preparar para isso?

Quando se vence? Quando se perde? Embate é válido?



Luz do fim-do-Túnel

Como lidar com a tecnologia que vem
como um trem de alta velocidade em
um túnel estreito?

Ela pode te atropelar ou te levar para
um lugar novo.

P.S. E todos nós estamos à pé nesse
túnel.



Caverna Vazia

O que fazer com TUDO isso de material
que oferecem para explorar??
Tem que ser criativo..



Profundezas do Autocontrole

Esse lugar é testado dia após dia. Tem que cuidar para não transbordar nem perder de vista.





Farol das Dúvidas

Será que os meus professores sabiam o que seriam?

Eu sabia que queria ser professor?

Meus alunos sabem o que querem ser?

Acho que em algum momento o caminho aparece...



* "Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação" p.110



A literatura é um veículo da linguagem, em que se realizam exercícios de poder ao atribuir sentido e significado. Com isso, ela contribui na fabricação de identidades, posicionando os sujeitos em diferentes e desiguais lugares sociais. Dessa forma, é importante destacar o quanto a literatura infantil/juvenil exerceu uma função produtiva nas representações de identidades culturais que circulam entre crianças e jovens. Contudo, ela não é "a responsável" pela fabricação de tais identidades e seus significados, já que estes se fixam pela trama de poder que age através de diversos e variados produtos culturais, e não de um único artefato cultural. Kaercher fala nos

Expresso da Aula

Como assim só 50 minutos?
Não vai dar tempo, tem um monte de coisa pra passar!! Se não só semana que vem...

Depois de 15 minutos e uma garrafa d'água percebi que metade não havia voltado recreio.

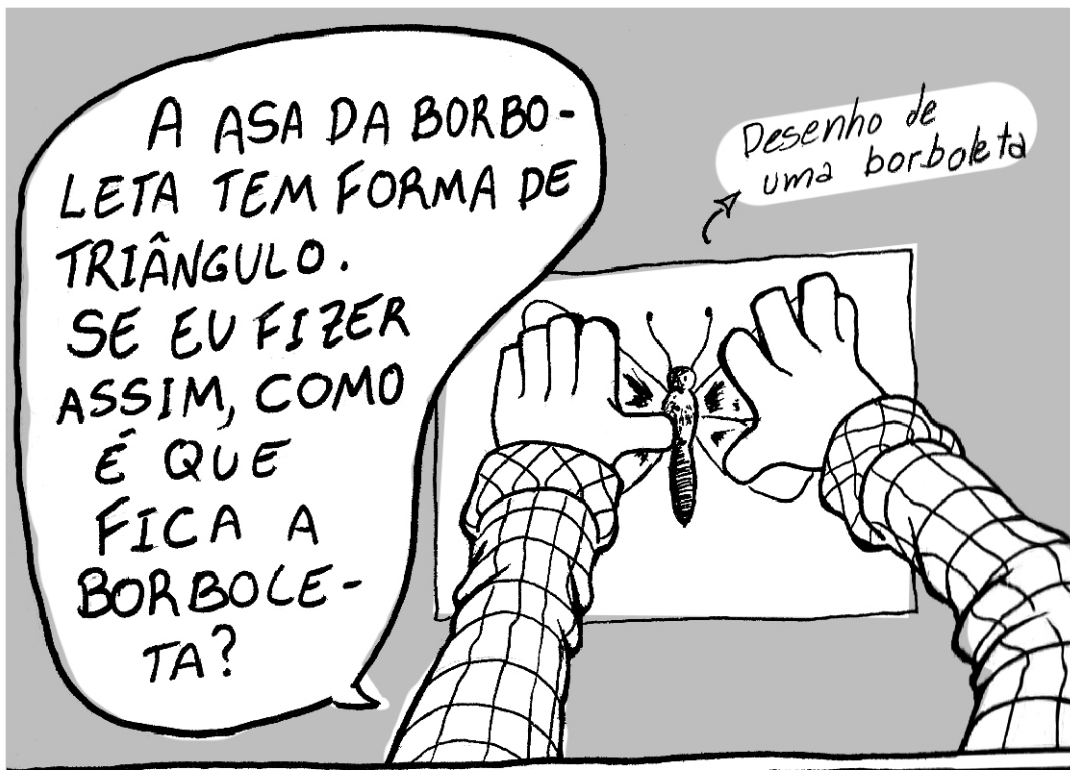


Mirante da Esperança

Como é bom achar outro viajante por aqui!

Alguns já tinham encontrado no início da jornada, outros desistiram no meio do caminho. Existem aqueles que ainda perseguem juntos.

Mas sempre é bom compartilhar as experiências singulares da jornada.

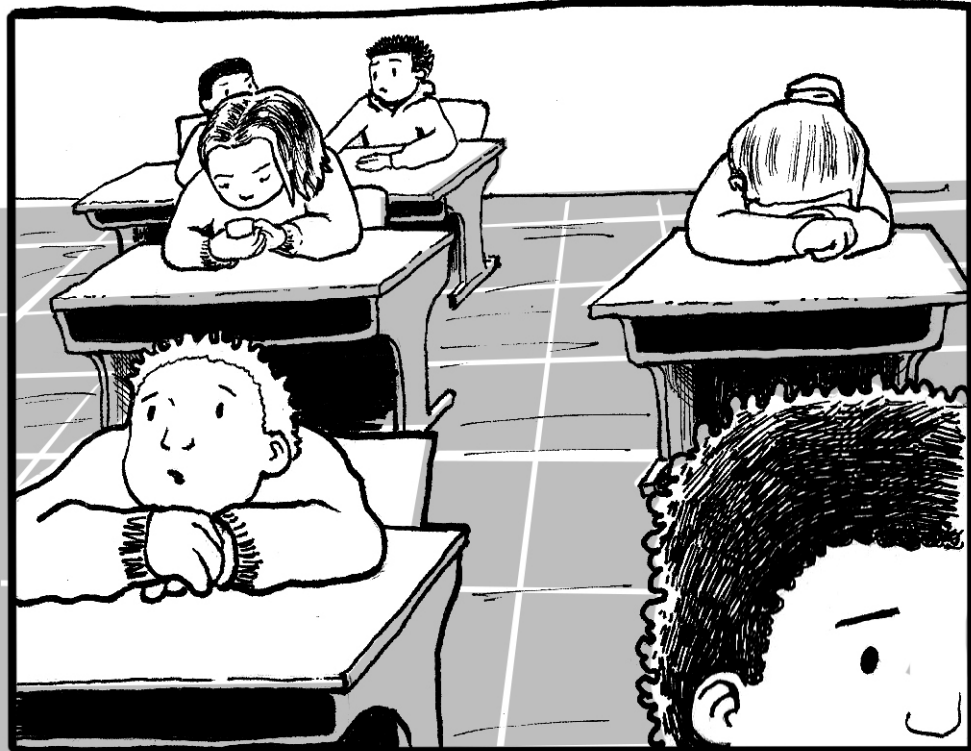


Ponto da Obviedade

Tenho que estar atento aos outros pontos de vista, sendo eles óbvios, inocentes, incertos, opostos, estranhos. Posso ser surpreendido com novos ângulos e olhares sobre velhas paisagens.

ENTÃO
PESSOAL...
CONSEGUI-
RAM ENTEN-
DER O EXER-
CÍCIO DE
HOJE?

Narrativa
Visual



Quadro da Empolgação

É importante sentir o clima, a temperatura. Dependendo, isso pode mudar isso pode mudar todo o planejamento. às vezes o tempo muda sem avisar, do nada. Imprevisibilidade.

Tenho que aprender com o tempo os sinais que surgem ao longe.